

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

18

JANEIRO 2013

www.candido.bpp.pr.gov.br

A hora e a vez delas

A literatura escrita por
mulheres conquista cada vez
mais espaço no imaginário
dos leitores, no mercado
editorial e na cena literária

• Já brinquei na enxurrada | Miguel Sanches Neto • Benjamim vermelho | Guido Viaro • Só poeira | Luiz Bras

Território dominado pelos homens, a ficção brasileira tem, nos últimos 20 anos, cedido mais espaço às mulheres. Ou melhor, assim como em outras áreas da sociedade, elas têm conquistado, com trabalho e talento, o seu lugar nas prateleiras. No começo dos anos 2000, duas coletâneas organizadas pelo escritor Luiz Ruffato compilaram 55 nomes de prosadoras brasileiras surgidas a partir de 1990. Certamente um número expressivo.

Esta edição do **Cândido** se dedica a discutir questões caras relacionadas à participação das mulheres no atual cenário da literatura brasileira. Existe uma marca da literatura feita por mulheres? Ou tudo se resume “apenas” a literatura, sem nichos e segmentações? Especialistas no assunto e escritoras debatem essas questões, tão antigas quanto a própria literatura. Constância Lima Duarte, doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), resgata a história das mulheres na literatura ocidental em um ensaio esclarecedor. O especial ainda traz matéria sobre a presença das mulheres na literatura paranaense. Clarah Averbuck, uma das vozes femininas surgidas no final dos anos 1990, publica conto na seção de inéditos, que ainda traz poema de Miguel Sanches Neto e trecho do romance *Mugido de trem*, de Nilson Monteiro. O escritor Guido Viaro vai “Em busca de Curitiba” com o instigante conto “Benjamin vermelho”.

Convidado do último encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2012, o romancista gaúcho João Gilberto Noll fala sobre a concepção de sua inquieta prosa, que figura hoje como uma das mais singulares da literatura contemporânea. A edição ainda apresenta um perfil de Fernando Naporano, jornalista e músico que fez história no *underground* brasileiro e que há alguns anos se refugiou em Curitiba.

Boa leitura.

OFICINA BPP DE ILUSTRAÇÃO – TIRAS

BRUNA SANTANA



CAROL LEMES



BIBLIOTECA AFETIVA

Quando criança, lá por volta dos 7 anos, costumava frequentar a casa de uma tia para brincar com meus primos. Sempre quando ficávamos dentro de casa por conta da chuva, costumava mexer nos discos e nos livros, até que um dia notei que dois deles “passavam” na televisão. Um era *A história sem fim*, de Michael Ende, e o outro *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Folheei um pouco e vi que eram de fato histórias semelhantes e resolvi lê-los. Até hoje não consigo mais ler um livro sem me imaginar “meio” Bastian, entrando em cada uma das histórias.

Manolo Neto é mediador de leitura na Fundação Cultural de Curitiba e DJ na noite, residente do Bar do Simão. Vive em Curitiba, coincidentemente numa rua que leva o nome de “Travessa dos Editores”.

Primeira relação afetiva com um livro: *Espumas flutuantes*, de Castro Alves, o poeta que li na escola rural da minha infância e que, a partir daí, era quem eu queria ser, quando crescesse. Ao longo do tempo, outros poetas passaram a contar com o mesmo afeto, como Maiakovski, de quem destaco o longo poema “A flauta vertebrada” (“Memória, junta na sala do cérebro as inumeráveis bem amadas/ que de passadas núpcias a noite se paramente”). Em ficção, junto o conto “As margens da alegria” (“era uma viagem inventada no feliz”), de Guimarães Rosa. E fecho com um romance: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Vamos ler, gente boa.

Antônio Torres é baiano e autor dos livros *Essa terra e Um cão vivendo para a lua*. Vive em Petrópolis (RJ).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Camila Feiler, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Marcio Renato dos Santos, Omar Godoy e Tatjane Garcia.

Fotografia:

Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

Colaboradores desta edição:

André Ducci, Bruna Santana, Carol Lemes, Clarah Averbuck, Constância Lima Duarte, Fabiano Vianna, Guido Viaro, Iuri de Sá, Léo Gibran, Luiz Bras, Miguel Sanches Neto, Nilson Monteiro, Rafael Campos Rocha e Rafael Sica.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

www.candido.bpp.pr.gov.br

www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 |

Curitiba - PR | Horário de funcionamento: segunda a

sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h

Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Autores recebem Prêmio Paraná de Literatura

Os autores Alexandre Vidal Porto, Lila Maia e José Roberto Torero receberam, no dia 11 de dezembro, no auditório Paul Garfunkel, na Biblioteca Pública do Paraná, o Prêmio Paraná de Literatura. A cerimônia contou com as presenças do secretário de estado da Cultura, Paulino Viapiana, do diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira, e da diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura, Valéria Marques Teixeira. Durante a solenidade, foram apresentadas as obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2012: *Sérgio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto; *As maçãs de antes*, de Lila Maia e *Pápis et circenses*, de José Roberto Torero. Os títulos têm tiragem de mil exemplares, sendo 100 livros para cada autor — a BPP vai distribuir os livros para as bibliotecas do Paraná e de outros Estados. O secretário Paulino Viapiana lembrou que o Prêmio Paraná é mais uma ação que visa dar acesso à cultura ao cidadão. “O Prêmio, além de colocar o Paraná no centro das discussões culturais, dá início à Biblioteca Paraná, uma iniciativa que com certeza vai movimentar a cena literária”, disse Viapiana. Já o diretor da BPP, Rogério Pereira, chamou atenção para o fato de que o Prêmio Paraná de Literatura 2012 surge em um momento de valorização e discussão do livro e leitura no país. “A leitura está sendo discutida como nunca no país. Isso é muito bom.

Bibliopraia

Até 17 de fevereiro, os veranistas do litoral paranaense terão mais uma opção de lazer e cultura. A Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) montou, em cinco balneários do Paraná, o projeto Bibliopraia, uma estrutura que permite o empréstimo de livros e revistas de forma simples e sem burocracia. O projeto faz parte da Operação Verão do Governo do Estado e foi lançado pelo governador Beto Richa e pelo secretário da Cultura, Paulino Viapiana. Cada Bibliopraia conta com um acervo de 1,2 mil títulos, de todos



Alexandre Vidal Porto, vencedor na categoria romance, Caetano Galindo, jurado do Prêmio Paraná, Rogério Pereira, diretor da BPP, Maria Rita, esposa de José Roberto Torero, vencedor da categoria Contos, e Lila Maia, vencedora na categoria de Poesia.

O Prêmio se insere nesse contexto”, afirmou Pereira. O diretor lembrou ainda que, no passado, o Paraná promoveu o Concurso Nacional de Contos, que teve grande repercussão e que valorizou o talento de grandes nomes, como Dalton Trevisan, Clarice Lispector, João Antônio e Luiz Vilela. “Queremos recuperar a importância desse Prêmio, que já foi uma referência nacional”, completou Pereira.

os gêneros literários, selecionados pela equipe da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). O empréstimo do livro é feito de forma simples, basta o leitor fornecer nome e telefone. A devolução pode ser feita em qualquer um dos Bibliopraias ou na BPP. O horário de atendimento é das 10h às 21h. As Bibliopraias de Caiobá (Praia Brava), Guaratuba e Pontal do Paraná/Ipanema já estão em funcionamento. As de Caiobá (Praia Mansa) e Paranaguá estarão disponíveis a partir de 15 de janeiro. Os módulos, construídos especialmente para o projeto, funcionam até 17 de fevereiro e irão circular por outros municípios paranaenses entre março e outubro.



Notas da Província

Galindo vence APCA de tradução

O curitibano Caetano Galindo ganhou em 2012 o prêmio APCA de tradução por sua versão de *Ulysses*, lançada ano passado. O prêmio é oferecido, anualmente, pela Associação Paulista de Críticos de Arte e prevê outras categorias. Depois de dez anos de trabalho, Caetano Galindo lançou a tão aguardada tradução do romance *Ulysses*, do irlandês James Joyce. O livro já tinha duas versões para a português: a primeira foi lançada nos anos 1960 pelo professor e filólogo Antonio Houaiss; a segunda, pela professora carioca Bernardina da Silveira Pinheiro, em 2005. Tradutor de autores como Ali Smith e Thomas Pynchon, Galindo é professor do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Neste ano, Galindo integrou o júri que escolheu o vencedor da categoria contos do Prêmio Paraná de Literatura: *Pápis et circenses*, de José Roberto Torero. 🐾

Otto Winck

Com a obra *Desacordes*, Otto Leopoldo Winck foi o ganhador do Prêmio Governo Minas Gerais de Literatura na categoria Poesia. Em sua 5ª edição, o concurso distribuiu R\$ 212 mil em premiação. Winck recebeu R\$ 25 mil pelo seu livro. Carioca radicado em Curitiba, Wick também é prosador e em 2006 lançou o romance *Jaboc*. 🐾

Ficção paranaense

No mês de dezembro, a editora curitibana Kafka lançou novas publicações de dois autores locais. De Regina Benitez (1934 – 2006), foram lançados dois livros de contos:



Mulher com avestruz e *A moça do corpo indiferente*. Já o escritor Paulo Venturelli teve publicados o romance *Meu pai* e a antologia de contos *Histórias sem fôlego*. Além das publicações da Kafka, no último mês Venturelli também lançou o livro infantojuvenil *Visita à baleia* (imagem acima), feito em parceria com o ilustrador mineiro Nelson Cruz, publicado pela Editora Positivo. 🐾



João Gilberto Noll

O premiado autor de *Harmada* e *Bandoleiros* falou sobre sua bem-sucedida carreira e sobre seu mais recente romance, *Solidão continental*, que novamente traz o personagem sem nome que povoa grande parte de sua obra. Em uma conversa com o também romancista José Castello, Noll revelou a influência que autores como Clarice Lispector e Camões tiveram em sua formação como leitor



“Escrevo porque vou morrer e eu acho isso uma sacanagem.”

João Gilberto Noll tem, seguramente, uma das carreiras mais consistentes e singulares da literatura brasileira contemporânea. Tal singularidade decorre da linguagem extremamente elaborada que o escritor gaúcho imprimiu em sua prosa desde os contos iniciais de *O cego e a dançarina* e que chegou ao ápice em livros como *Harmada*, *Bandoleiros* e *Lorde*, seus melhores trabalhos. Todos os seus 16 romances são guiados por um homem sem identidade, personagem onipresente em sua ficção. É essa figura misteriosa, ao mesmo tempo visceral e introspectiva, que protagoniza, mais uma vez, o novo romance de Noll, *Solidão continental*, lançado no segundo semestre de 2012. Livro e personagem foram alguns dos assuntos abordados pelo escritor gaúcho na conversa mediada pelo também romancista José Castello, no oitavo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2012. “É uma relação mais para o sagrado, eu acho. Ninguém briga. Enquanto ele não está em produção, eu vou para o computador para escrever em estado de vazio, para que ele possa se estabelecer com liberdade”, diz o escritor sobre sua relação com o personagem de seus livros. Noll também falou sobre a influência da ficção de Clarice Lispector em sua literatura, mais especificamente sobre o célebre romance *A paixão segundo G.H.*, que o marcou de forma indelével. “Eu tinha vinte e poucos anos quando *A paixão segundo G. H.* foi lançado. E esse livro foi definitivo e definidor para mim. Então pensei: se ela fez isso, por que eu não posso tentar fazer também um romance abstrato?” Leitor voraz de poesia, Noll se disse influenciado por Camões e T.S. Eliot, mas também pelo cinema de Michelangelo Antonioni. “Fui um garoto viciado no cinema do Antonioni, que é o cineasta da incomunicabilidade. Me identificava, me identifico muito ainda com aquilo. Talvez porque eu seja um pessoa realmen-

te com um histórico de muita dificuldade para me expressar e a literatura vem para compensar.” Leia a seguir o principal trecho do bate-papo.

Relação com os livros

Minha mãe lia muito raramente. Meu pai, não. Ele era comerciante e eu comecei realmente a ler através de Júlio Verne, como muitos garotos da minha faixa de idade. Põe aí uns 9, 10 anos. Não peguei tanto Monteiro Lobato, mas lia muito sobre a vida de compositores, Chopin, Beethoven. Porque eu estava me preparando para ser cantor lírico, então estudava piano e era muito envolvido com a vida dos músicos. Achava aquilo tudo muito impressionante, aquela intensidade que, pelo menos as versões romantizadas que me caíam nas mãos, me transmitiam. E foi assim que comecei a ler. Com 14 anos eu frequentava a Biblioteca Pública de Porto Alegre, um prédio muito bonito, austero — agora está fechado para reforma —, com jardim de inverno, muito bonito. Eu gostava de buscar leituras lá, ia com muita frequência. Mas, no meu caso, não posso realmente dissociar minhas primeiras leituras dos meus primeiros filmes, quer dizer, sou cinéfilo desde muito garoto. Frequentava a matinê de domingo, como se dizia na época. Matinês eram as sessões vespertinas, que eram sagradas para mim, quer dizer, um dos piores castigos que eu podia levar era não ir à matinê no domingo. E foi mais ou menos por aí que comecei a tomar contato com o mundo das artes. Eu, realmente, cusei um pouco a me definir pela literatura, quis ser ator também.

Teatro

Não cheguei a participar de grupos de teatro porque, na época, entrei em uma crise de adolescência feroz, que me impossibilitava de aderir a qualquer tipo de espetáculo diante do público. Eu cantava. Cantava Maria, de Schubert, em casamentos. Ganhava os meus trocados. Isso dos 7 aos 12 anos. Cantava nos colégios, declamava, quer dizer, sabia que desde cedo o veneno artístico estava nas minhas veias.

Canto e escrita

Eu ganhava os meus trocados no sábado à tarde cantando em casamentos Ave Maria, de Schubert. Então, a literatura vai chegar nessa crise brutal que tive na adolescência. Com 16, 17 anos, não queria mais estudar, não ia mais ao colégio. Minha família ficou em polvorosa diante de um garoto, adolescente, que não queria mais ir ao colégio. Abandonei o colégio durante um ano e pouco. Aí que comecei a escrever. Pois a escrita era um tipo de expressão que não precisava de uma equipe, de um público diretamente. É, realmente, a arte solitária por excelência.

Influência

Meus pais eram indiferentes às minhas leituras. Mas tive um amigo no colégio, um cara mais velho, que me introduziu a muitas coisas, como, por exemplo, aos livros. Ele me emprestou *O apanhador no campo de centeio*, *Trópico de câncer*, que é até hoje um dos grandes livros da minha vida, principalmente esse, os outros do Henry Miller nem tanto. E coisas assim como Françoise

Sagan. Comecei a conhecer Sartre através dele. Ele me mostrou a Bossa Nova, o jazz, etc. Realmente eu devo muitíssimo a ele. Uma figura muito importante, que ainda mora em Porto Alegre.

T.S. Eliot

Esse mesmo amigo me apresentou também a obra de T. S. Eliot. Fiquei encantado com aquela tradução do nosso poeta Ivan Junqueira, dos quatro quartetos. Dos livros que ele me encaminhou, foi o que mais gostei. Eu queria uma coisa assim, que não precisasse falar tanto de enredo, quer dizer, sou um ficcionista um tanto desnaturado, de linguagem, não cultivo tanto o enredo, e o Eliot dava só tópicos, daquelas ruínas, daquela coisa desértica, uma certa decadência muito interessante, muito atrativa para um jovem que vinha criticando ferozmente as coisas institucionais como a família, o colégio e outras instituições que comecei a execrar naquela época. Na minha literatura tem um cara inconstitucional, sem família, desfamiliarizado. Parece que isso foi gestado já ali. E através, principalmente, da grandiosidade obra de T.S. Eliot.

Biblioteca

Não tenho uma biblioteca muito grande, porque andei nesse mundão por muito tempo, então muitos dos meus livros fui deixando nos lugares onde morei. Lembro que quando morei nos Estados Unidos, para dar aula, distribuía meus livros para os alunos e colegas, que tinham interesse, principalmente, em livros em língua portuguesa. Não tenho muito ciúmes dos livros, gosto de emprestá-los, mesmo sabendo que não voltarão. Mas isso é uma coisa minha em todos os sentidos, não só com os livros.

Porto Alegre

Sou um viajante. Agora, talvez por questões de idade, eu esteja caminhando para um certo sossego domi-



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ciliar. Mas ainda não decidi a cidade que quero viver. Talvez não seja Porto Alegre. Porque faltam amigos lá. Passei parte de minha vida, entre os 20 e os 30 anos, no Rio de Janeiro. Esse estágio da vida é fundamental para criar raízes e fazer amigos. Por isso, os meus grandes amigos estão no Rio. Não é à toa que acabo de publicar um livro chamado *Solidão continental*. Mesmo que não me considere um escritor biográfico, e realmente não sou, se você for ver, em termos factuais, os meus livros não refazem a minha vida geograficamente. É aquela velha história que sempre digo: tenho um outro dentro de mim, que habita em mim. E esse homem é o meu protagonista, você vê que os meus livros tem o mesmo protagonista em circunstâncias diferentes, pois um livro não é continuidade explícita do outro: num livro ele é ator, no outro, escritor, no outro vagabundo. Inclusive ele tem muita tendência à vagabundagem. Porque é um contemplativo, por isso que ele sofre, porque realmente ele não está dando resposta à exigência de produção que a sociedade exige, ele está sempre desfalcado, sempre aquém da exigência de produtividade da sociedade.

Homem sem nome

Às vezes brinco nos meus romances. Por exemplo: nesse *Solidão continental*, quando o cara está no hospital e tem que dar seus dados, como nome, endereço, senão não o liberam, ele estava sozinho. Como é que soltam um doente desmemoriado assim? E ele diz: meu nome é João. Mas não se sabe se ele está brincando, se é um nome verdadeiro. Já em *A fúria do corpo*, ele começa dizendo que tinha sido dedicado, consagrado, como se dizia no catolicismo, a São João Evangelista, não o Batista, o Evangelista.

Relação com o personagem

É uma relação mais para o sagrado, eu acho. Ninguém briga, sabe.

Enquanto ele não tá em produção, eu vou para o computador para escrever em estado de vazio, para que ele possa se estabelecer com liberdade. Então, pelo menos na minha cabeça funciona assim. Vou em estado de vazio, não sei o que vai sair, e olha que eu escrevo romance, uma coisa que tem continuidade. Não são contos, tenho poucos livros de contos. Nos contos você dá um gozada por conto e sai tudo de uma vez só. Depois você vai trabalhando os detalhes, apenas. Mas quando um romance está em andamento, sento em frente ao computador para falar da dinâmica do personagem, é disso que eu falo: da dinâmica dele, como ele está hoje, os seus vícios, suas pequenas fortunas também, porque às vezes ele se apaixona, ainda que não dê certo. Mas ele especula muito amorosamente. Neste *Solidão continental*, ele vive uma promessa amorosa ao final que, inclusive, eu deixo aquilo suspenso. Não quis dar uma solução real àquele primeiro anseio de fundir, porque acho que o ser humano gosta muito de se fundir a outro ser humano, e isso tá muito latente no que eu escrevo. A gente é muito incompleto, então, mesmo biologicamente, a gente quer estar se fundindo ao outro.

Influência do cinema

Eu sou um cinéfilo. E talvez o que me faça ser narrador seja esse pensador pela imagem, muito mais pela imagem do que pelo romance, pela narrativa literária longa. E dentro dessa linha de imagem, eu sinto que nesse último livro, por exemplo, *Solidão continental*, tem momentos em que a pulsão é tão forte, que ela se esgarça e vira um outra possibilidade de cenário. É assim que o personagem enfia a cabeça no vaso sanitário e vai dar em outro lugar, porque, naquele momento, naquele apartamento em que ele estava, não era mais possível render alguma coisa que fosse uma con-

“Tinha 20 e poucos anos quando *A paixão segundo G. H.* foi lançado. E esse livro foi definitivo e definidor para mim.”

tinuidade. E ele vai dar justamente em uma piscina. Essa piscina é altamente cinematográfica, a meu ver. E tem uma cena ali amorosa, charmosa, no sentido de o personagem avistar uma mulher na beira da piscina tomando um fresco, vermelho talvez, algo que pode ter álcool. E ele vai atrás daquela mulher, que toma algo pelo canudinho, aquilo é pura imagem. Ele sai da piscina, depois de ter estado em um hotel em Chicago, com o amor da juventude. Ao invés de envelhecer naturalmente, como ele, que deveria ter as suas marcas, porque fazia décadas que eles não se viam, este rapaz estava na condição de um adolescente perpétuo, magrinho, pálido. Que é uma coisa cinematográfica também. Foi uma cena que me impressionou muito em *Satyricon*, do Fellini: o hermafrodita. Tinha uma sugestão imprecisa entre as pernas, não sabia muito bem o que era aquilo, muito branco, muito pálido, parecia que não pegava sol.

Linguagem

Acho que a condição dos meus personagens, realmente, é uma condição infra-humana. Por isso que, às vezes, até a linguagem é um pouco demencial, ela não dá conta de dizer as coisas na cristalinidade da linguagem mais funcional, mais operacionalizante. As coisas realmente estão aquém do que um convívio social exige. São pessoas que, como em *Lord*, podem acordar ao final do livro e não ser mais

quem eram. Eu vejo muita fragilidade. A vida nos oferece esse quadro. Inclusive, o fato de eu precisar de alguém que fale por mim na ficção, já é um testemunho de fragilidade. Como é que o João, cidadão, com uma vida social, vai dizer tudo, digamos assim, daquilo que você esquece debaixo do tapete, porque a literatura é um pouco você levantar o tapete, mostrar aquilo que esconde socialmente. Você não vai numa reunião social para dizer as coisas como meus protagonistas dizem. Porque seria, realmente, um atestado de infra-humanidade.

Romance político

Acho que meus romances são políticos. Falar de solidão, hoje, é uma questão altamente política. Na minha juventude, falar de solidão era alienação. Por isso que a Clarice, naquela época, anos 1960, 1970, era vista como uma escritora alienada, porque falava da subjetividade. E eu sou um autor que fala das subjetividades. De outra coisa eu não falo porque não entendo, não circulo tanto nessa materialidade mais estabelecida em termos de relação. Eu, preferia pra mim, que fosse bem diferente, eu queria ser outro. Mas, realmente, os meus romances são políticos, sim, essa é a condição que a nossa sociedade engendrou através da cibernética, através dessa coisa de todo mundo estar olhando para uma tela em branco e tendo que falar, falar, falar nessa terra



devastada pelo branco. Mas, hoje, ninguém quer encarar essa condição tão finita que nos foi legada e que, se não fosse assim, não haveria literatura. A literatura existe porque eu vou morrer. Não quero morrer, gosto de estar vivo, com todas as dificuldades. E a literatura é isso. É a religião que eu perdi, quer dizer, num mundo sem transcendência. Acho que, realmente, falar de solidão hoje é um ato político. Basta você viver numa cidade de porte grande, como

a que eu e vocês vivemos, para saber o quanto as pessoas padecem em fins de semana arrastados. Padecem da falta do outro que está desregulado de sua empatia humana diante da tela em branco. Tela em branco ou tela sendo preenchida. Mas há muita tagarelice nisso tudo. E eu sou um sujeito que fico muito feliz em estar escrevendo, bem ou mal, estou escrevendo. Já são 19 livros, deixando um testemunho. Acho que a literatura tem o seu valor exemplar, a arte como

um todo. Viva os artistas, viva os escritores. Se não fossem eles, a vida seria muito mais pobre. Não resta a menor dúvida. Se não houvesse esse espelhamento, transfigurado. Por ser transfiguração, de nada adianta você ficar copiando a realidade tal qual ela é. É um espelhamento que transfigura, que dá realmente esse veio interior. E eu acho que essa transfiguração da literatura que salva, que eleva o humano, esse veio interior que é particular. E quando ele

é muito interior, ele é tão interior que chega a ser coletivo. Porque realmente todo ser humano sente saudade, todo ser humano sente momentos de profunda solidão, todo ser humano sente ódio da sua pequenez. É isso que a literatura, a meu ver, a boa literatura, trata. É meu tipo de literatura, pelo menos. Há outras mil maneiras de encarar a literatura, não é? O meu modo de encarar a literatura é esse: é dizer o que não é dito em sociedade. E, realmen-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

te, você denuncia muitas vezes. A literatura, tem seu lado político, mas você não pode também esquecer uma certa atração pelo próprio mal. Aí que tá a perversão da coisa. Eu estava pensando, por exemplo, nessa minha tendência, que as vezes deixo de lado, a períodos muito longos. Mas isso eu projetei, realmente, esse poder da velocidade nos nossos dias. Pois a literatura, realmente, é uma somatização do que vai dentro dos personagens. Esses textos enormes, esses períodos enormes, acho que eles vêm muito do fato de que a pressa, a velocidade, é quem domina nas relações dos nossos dias. Então é realmente uma somatização do próprio estilo.

Mínimos, múltiplos, comuns

Quando falo nesse personagem que rege a minha escrita, não incluo aí os contos. Cada conto é uma pulsação diferente, uma explosão diferente. Explosão, eu diria, é a palavra adequada para esse livro de microcontos, que é o *Mínimos, múltiplos, comuns*. Ele se chamava *Relâmpagos*, na *Folha de S. Paulo*. Daí, quando eu estava pra publicar os relâmpagos, o Ferreira Gullar publicou um livro chamado *Relâmpagos*. Por isso que nomeei de *Mínimos, múltiplos, comuns*. Mas esses pequenos contos tinham esse sentido de relâmpago mesmo, uma coisa nervosa, um frêmito, que fosse assim muito, muito, muito rápido. Então, são diferentes. Mesmo o primeiro livro que publiquei em 1980, que é *O cego e a dançarina*, traz contos que têm aspectos muito diferentes dos meus romances. Em primeiro lugar, porque no conto você tem que dar conta, desculpa aí o trocadilho, de uma coisa muito rápida. E quando eu escrevi *O cego e a dançarina* não tinha esse homem ainda. Ele começou a vingar já no primeiro romance, *A fúria do corpo*. Mas eu tinha 34, 35 anos e *A fúria do corpo* é um livro amorosamente muito bem-sucedido. É uma história de

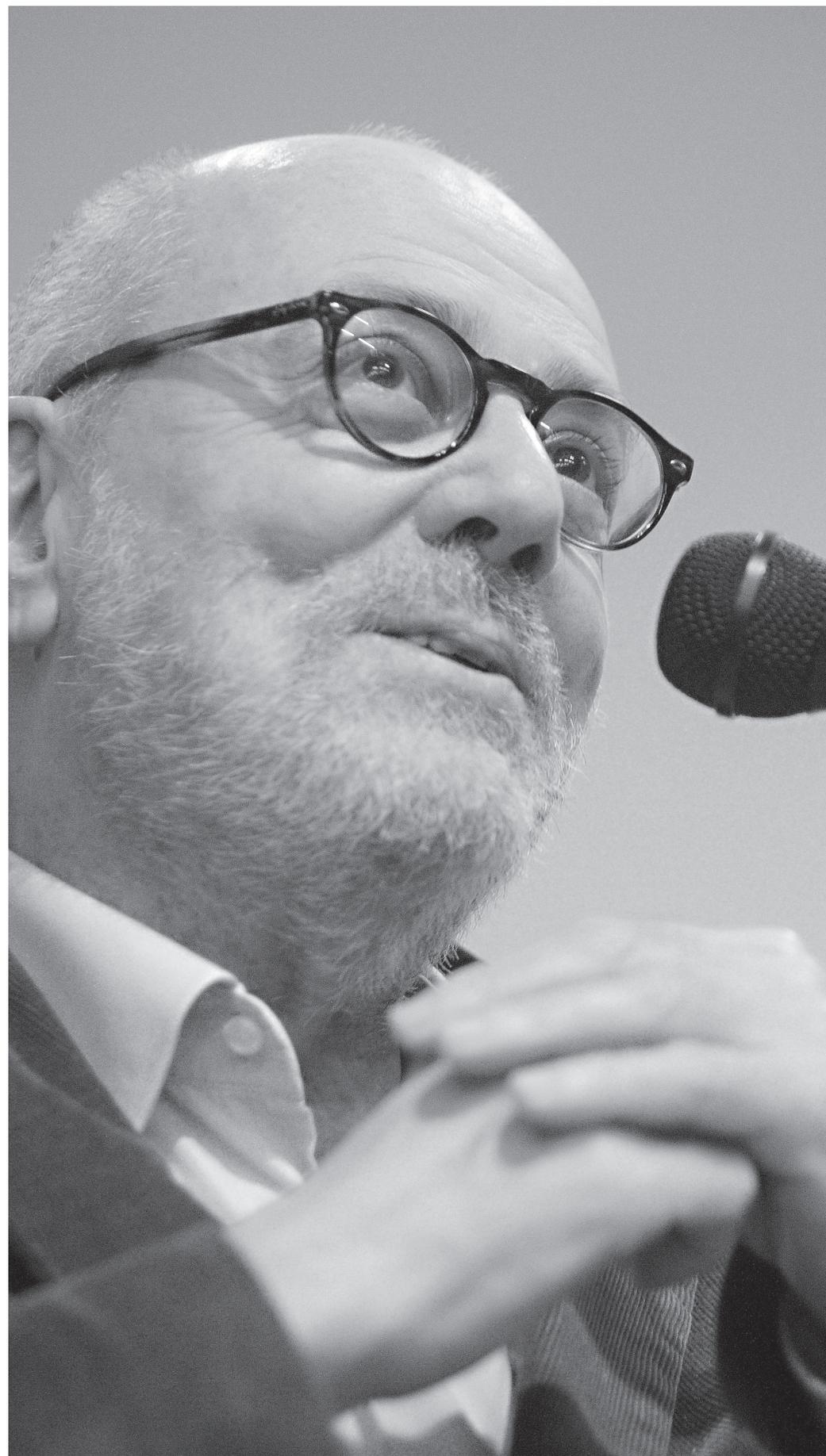
amor. Um casal de mendigos termina sob um chafariz na praia de Botafogo — um chafariz que existe mesmo —, brincando, em pleno jardim edênico.

Memória

A questão da memória também é muito importante para mim. Eu sou muito preocupado com a amnésia, o esquecimento. É outro tema importante que às vezes preciso usar, até para poder terminar o livro. Sou um romancista porque desejo muito sê-lo. Minhas coisas são mais *flashes* mesmo. Os meus romances estão cheios de *flashes*. Em *Mínimos, múltiplos, comuns* minha utopia era escrever um livro de relâmpagos, mas que fosse uma prosa, que fosse um romance, uma narrativa. Um livro em que tudo não fosse tão costuradinho, porque não é assim que eu vejo e vivo no mundo, se fosse assim seria mais fácil, talvez.

Incomunicabilidade

Acho que escrevo, neste tom que escrevo, porque talvez eu considere que seja incompleto. Quer dizer, a sensação que eu saio de um contato humano achando que poderia ter sido mais vertical é uma constante. Fui um garoto viciado no cinema do Michelangelo Antonioni, que é o cineasta da incomunicabilidade. Me identificava, me identifico muito ainda com aquilo. Talvez porque eu seja um pessoa realmente com um histórico de muita dificuldade para me expressar e a literatura vem para compensar. Chegar, cruzar a perna e contar um fato que vivi, é um parto. Então, acho que em um dos meus livros isso está transparecido, sabe? Tá muito transparecida essa dificuldade enorme, e isso vem desde muito tempo, inclusive já comentei com vocês a crise medonha que eu tive na adolescência. De não conseguir conviver com os garotos do colégio. Engraçado que hoje eu comento esse tipo de coisa pessoal com





“ Fui um garoto viciado no cinema do Michelangelo Antonioni, que é o cineasta da incomunicabilidade. Me identificava, me identifico muito ainda com aquilo.”

a maior tranquilidade, não conseguiria falar sobre isso há uns cinco anos. Hoje eu falo com a maior facilidade. Não fiz nada de mal a ninguém, vivi agruras que qualquer um pode sofrer, mais ou menos, ou pode sofrer em outras dimensões, então, eu quero respeito, claro. Em qualquer ser humano, não se trata aqui de um inoperante da linguagem. Tento fazer de tudo para que essa linguagem, que é tão difícil para mim na vida comum, na vida social, possa se dar, pelo menos, no plano poético, no plano de uma certa transfiguração. Quer dizer, eu conto a coisa, tem um caso, mesmo que muito tênue. É assim: o ser humano não vai contar sobre o sexo dos anjos, a partir da sua experiência. Mas geralmente você vive as experiências de uma forma muito inconsciente. Então,

sempre fica no ventre da experiência, alguma coisa que precisa ser restaurada pelo escritor e pelo artista. Não foi comunicada, ficou lá no ventre da experiência. Então o artista é mais ou menos o parceiro desta coisa que ficou enclacrada dentro do ventre da experiência. Ele não é apenas o relator, o jornalista da experiência, mas ele vai, põe a mão lá dentro do que não estava se mostrando, do que estava esquecido. Se não, toda literatura seria jornalística. E não é. Então, acho que excesso de solidão, excesso de dificuldade para se expressar, para se comunicar, é um pouco daquilo que fica enclacrado dentro da experiência que você viveu. É preciso ir lá e tentar mostrar as possibilidades virtuais de expressão para o terreno artístico. Talvez, na minha juventude, fosse pecado pensar nesses aspectos, na minha geração, de esquerda, etc. e tal. Ou seja, só aquilo que ficava mais próximo da microestrutura é que tinha valor. As coisas mais metafísicas eram pecaminosas. Isso, para minha juventude. Hoje não. Hoje eu me considero um escritor metafísico. Escrevo porque vou morrer e eu acho isso uma sacanagem.

Formação do leitor

Acho que eu, enquanto escritor, enquanto produtor de literatura, posso fazer muito pouco pelo leitor. O que posso fazer é continuar escrevendo minha obra. E dou meu apoio a qualquer movimento que faça com que o adolescente, o jovem, vá até livros como os meus. Qualquer campanha, qualquer perspectiva disso, conte comigo. Mas não posso mudar a trajetória da minha literatura pensando na dimensão *high-tech* da existência, porque não é nem mais a minha, é de uma outra geração. E fui um cara que peguei, quando jovem, o existencialismo. Não tô dizendo que seja melhor do que o *high-tech*, ou pior, mas são historicamente coisas definidas. Quer dizer, *Memórias de uma*

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

moça bem-comportada, da Simone de Beauvoir, foi um dos livros de cabeceira da minha época de juventude. Esqueci desse livro, mas ele foi muito importante para mim. Ainda mais para mim, um cara que tinha dificuldade em aceitar a instituição humana. Então, realmente não saberia o que fazer para o bem dessa geração através da própria escrita. Porque vou ter que continuar buscando autenticidade. Porque é a grande questão da literatura desde o romance lá na ascensão burguesa no século XVIII, XIX. O herói romanesco é aquele que briga pela sua autenticidade. Não consegue. Não consegue porque a luta dele é pessoal, é solitária, muitas vezes. E isso principalmente no existencialismo. Mas se você for lá no *Madame Bovary*, são personagens que vivem a contragosto naquela estrutura burguesa que está se formando. Acho que isso é uma herança da história do romance, essa questão da autenticidade. Só posso escrever realmente sobre aquilo que me toca até as vísceras. Quer dizer, não posso fazer um programa novo de escrita pensando em uma questão pedagógica. Literatura não é pedagogia. Agora, visito muitos colégios, universidades, etc. Estar presente, tentando realmente aproximar a literatura desta minha geração com essas características dos jovens, conte comigo sempre. Mas não vou fazer uma assistência para essa problemática da juventude de hoje através da minha ficção. Ela até pode entrar, essa questão, mas não de uma forma assistencial.

Interlocutor

Acho que a minha principal interlocutora foi a Clarice Lispector. Foi outra que eu conheci jovem. Tinha vinte e poucos anos quando *A paixão segundo G. H.* foi lançado. E esse livro foi definitivo e definidor para mim. Então pensei: se ela fez isso, por que eu não posso tentar fazer também um roman-



José Castello (à direita) conduziu o papo com João Gilberto Noll no auditório da BPP.

ce abstrato? Como eu estava falando, o que me salva de ser mais abstrato do que já sou, é o cinema. Minha ligação profunda com o cinema, com a imagem. Mas aquele romance me estonteou. É de uma coragem absurda alguém chegar àquele ponto. E depois, inclusive, quando lá nos anos 1990 fui dar aula de literatura brasileira na Universidade de Berkeley, na Califórnia, dei esse livro para os alunos lerem. Eles liam em português. Quando cheguei em casa, pensei: mas que burrada eu fiz. Dar esse

livro, com tal grau de abstração, para pessoas que estão gestando seu português, alguns melhor, outros nem tanto. Mas todos se comprometiam a ler o que eu dava nas aulas. Mas você sabe que é tal a universalidade dessa mulher nesse livro que eu tinha dois alunos, um coreano e outro japonês, e eles vieram com um olhar budista sobre o livro, quer dizer, aquele inseto que ela suga o sumo, não é bom nem é ruim, aquele inseto é a filosofia budista. Então foi, mais uma vez, um reforço para mim de que essa li-

teratura é de primeiríssimo plano. Outro escritor, que está muito esquecido hoje, mas que eu gostava muito na época, é o Adonias Filho, autor de *Memória de Lázaro*. Hoje está muito esquecido, mas eu gostava daquela coisa mítica, de uma linguagem não tão realista. Não é por estar aqui, não, mas Dalton Trevisan foi uma descoberta fantástica. Por esse lado, que a gente tava falando dos *flashes*, uma coisa rápida. São esses, eu acho, alguns dos meus mais gratos escritores brasileiros. ■

POEMA | MIGUEL SANCHES NETO

JÁ BRINQUEI NA ENXURRADA

você podia sentar-se aqui e escrever
durante horas sem parar
com a chuva lenta e tímida desta noite
que também assenta suas gotas
numa enxurrada no asfalto
pois não são isso as palavras?

escorrendo pelos bueiros
é assim que somos
boca aberta num canto de rua
sorvendo água suja
lixo trazido das casas acima
e que muitas vezes entopem
todos os esgotos provocando
pequenas enchentes
que por aí se chama poema

paremos logo com os rodeios
esse negócio de poesia nos afasta
da linguagem viva
eu só vim até você para dizer
que depois de muito tempo
tive vontade de me sentar
e escrever
algumas coisas que me tumultuam

porque escrever é isso
a inquietação sendo aprisionada
em palavras que não se deixam
habitar facilmente
exigindo especialistas
ou grandes musculaturas imaginativas
essas coisas todas

uma capacidade de iluminar o opaco
como se ele reluzisse
sozinho
é assim que lemos poemas
doando luzes a coisas
tomadas pela grande noite

você poderia estar vendo tevê
ou ao menos bebendo algo
mas olhe bem para você
como é ridícula essa mania
de lembrar-se da infância

a chuva lavava as ruas de terra
vermelha
você e seus amigos corriam
na enxurrada
e já eram encardidas as palavras
que vestiam suas vergonhas
águas de esgoto
é assim que somos

veja bem no que você se tornou
não escreva mais coisa alguma
a noite é úmida
e nada garante que
você não se machuque
agora que corre pela enxurrada
você ficará a noite inteira aqui
molhando-se nesta outra água ■

Ilustração: Rafael Campos Rocha

Miguel Sanches Neto nasceu em Bela Vista do Paraíso (PR). Escreveu, entre outros, os livros *Chove sobre minha infância* (2000), *Um amor anarquista* (2005) e *A primeira mulher* (2008). Seu mais recente romance é *A máquina de madeira*, lançado em novembro de 2012. Vive em Ponta Grossa (PR).



PERFIL DO LEITOR | FERNANDO NAPORANO

Kraw Penas



Poesia para ler até perder o nome

O ex-crítico musical e vocalista da banda Maria Angélica Não Mora Mais Aqui fala sobre os poetas que fazem sua cabeça desde a infância – especialmente os portugueses

OMAR GODOY

Durante as décadas de 1980 e 1990, Fernando Naporano militou em duas frentes: a imprensa e a música. Como jornalista cultural, colaborou com veículos como *O Estado de São Paulo*, *Correio Brasileiro*, revista *Bizz* e Rede Globo, além de publicações dos Estados Unidos e da Inglaterra. À frente da banda paulista Maria Angélica Não Mora Mais Aqui, gravou três discos e escreveu seu nome na cena *underground* com canções em inglês e sonoridade “regressiva”, inspirada no *rock* dos anos 1960.

O grupo acabou em 1991, quando Naporano iniciou uma temporada de 15 anos como correspondente internacional (primeiro em Londres, depois em Los Angeles). Em 2004, de volta ao Brasil, decidiu largar também o jorna-

lismo. “Cumprí 25 anos ininterruptos e me aposentei porque a profissão acabou. Me recuso a trabalhar pelo salário de uma diarista”, justifica, no tom ácido e bem-humorado que é uma de suas marcas registradas.

Vivendo atualmente em Curitiba, o ex-crítico e cantor se dedica quase que exclusivamente ao que chama de “pesquisas”. Passa incontáveis horas lendo sobre música, cinema e, acima de tudo, poesia. “Ficção não é a minha praia, embora eu goste de alguns autores. Um João Silvério Trevisan aqui, um William Faulkner acolá.”

Seu cânone particular passa longe do lugar comum. Giuseppe Ungaretti, Eugênio de Andrade, René Char, Joaquim Manoel Magalhães, Eugenio Montale, Herberto Hélder e António Ramos Rosa são alguns de seus autores preferidos. “Quanto mais sintética, espaçada e pura, melhor a poesia para mim”, explica.

Naporano conta que foi tão apaixonado pelos românticos e surrealistas portugueses durante a juventude que resolveu concluir a faculdade de Letras em Lisboa. “Ainda amo Mário Cesariny de Vasconcelos, Carlos Eurico da Costa, Pedro Oom, António Maria Lisboa. São poetas que amam até perder o nome. Mas, hoje em dia, me identifiquei mais com a plenitude e a abrangência de um Ungaretti, por exemplo.”

Entre os brasileiros, cita Rodrigo de Haro, Adauto de Souza Santos, Cláudio Rodrigues, Claudio Willer e Afonso Henriques Neto. Todos ainda vivos e, segundo ele, donos de uma “originalidade à queima roupa”. De resto, ele admite pouca ou nenhuma afinidade com os grandes nomes da literatura brasileira.

Também não gosta dos autores

da *beat generation*, como seria de se esperar de um *rocker* convicto. “Sempre achei uma geração de panfletários, exibicionistas, gente que utiliza o choque pelo mero prazer de chocar. Desprezo [Charles] Bukowski, um péssimo escritor que virou moda. Só respeito, com muitas reservas, Jack Kerouac e Allen Ginsberg. Aliás, auxiliei o [poeta, ensaísta e tradutor] Claudio Willer em sua primeira tradução do *Uivo*”, diz.

Willer, junto com Roberto Piva e Jorge Mautner, “adotaram” Naporano quando ele ainda era um garoto precoce que frequentava *shows* de *rock* e lançamentos de livros em São Paulo, na década de 1970. “Tive o prazer de contar com uma consultoria direta dessas figuras, que me sugeriam leituras e emprestavam livros. Passei muitas tardes no apartamento que o Mautner dividia com o [artista plástico] José Roberto Aguilar, onde conheci figuras como Jards Macalé, Luiz Melodia, Fagner.”

O gosto pela literatura, no entanto, surgiu ainda mais cedo. Nascido em São Paulo, mas de origem espanhola e irlandesa, Fernando Naporano passou a primeira infância entre Madri e Dublin, onde aprendeu a ler, em inglês e português, praticamente sozinho. Lembra do primeiro livro lido (*Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll) e faz questão de mostrar a coleção completa da série *Os mais belos contos de fadas*, da Editora Vecchi, que guarda até hoje. Em tempo: a casa em que mora, no bairro do Seminário, é um verdadeiro museu, com milhares de LPs, fitas K7 e VHS, CDs, DVDs e, é claro, livros.

“Nunca tive estímulo para ler. Pelo contrário. Meus pais achavam que eu ficava tempo demais enterrado no quarto lendo”, diz o jornalista, que

não acredita na ideia de que um ambiente familiar com muitos livros possa fomentar nas crianças qualquer tipo de interesse literário. “O maior exemplo disso é a minha filha de 13 anos, que detesta leituras e só quer saber de esportes e dança”, lamenta.

Ainda menino, Naporano começou a escrever os primeiros versos, dedicados a uma professora por quem manteve uma paixão avassaladora — e nada secreta. “Tinha 9 anos e não me conformei com o fato de que ela não me aceitou como namorado. Continuei escrevendo para ela e só desisti quando me apaixonei por uma menina da minha idade, com quem também não consegui nada. Hoje, acho que o poema é um animal, não se dirige à ninguém. Há oito anos que não escrevo nada direcionado a uma pessoa em especial.”

O ex-vocalista da Maria Angélica diz que produziu sete livros de poesia e um “antirromance” entre 1984 e 1990. “Todos ainda inéditos por conta de situações que fugiram completamente ao meu controle, como mal-entendidos com editores, difamações sem pé nem cabeça, editoras que pegaram fogo com meus livros no prelo e planos econômicos que pararam o país.”

Seu desejo, contudo, é publicar duas obras de poesia “intimista e internalizada” produzidas nos últimos dois anos, *A agonia dos pássaros* e *A coerência das águas*. Ou melhor: ver publicadas por uma editora. “A autopublicação não me interessa, porque não há distribuição. Se a poesia já é um nicho, gostaria que pelo menos a minha se espalhasse por vários guetos. Como dizia Sérgio Sampaio: ‘Um livro de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de poesia é na calçada.’” ■

BENJAMIM VERMELHO

Ilustrações: Rafael Campos Rocha

Manuel completou 45 anos esvaziado. Emprego burocrático, rotina tediosa, solidão. As mulheres de sua vida passaram como motocicletas que esbarram no retrovisor de um carro parado no congestionamento. Desapareceram, deixando-o com a sensação de que havia ali uma pequena injustiça, mas que o melhor a fazer seria esquecer o fato, que não tinha importância. A idade acalmou-lhe os ímpetos, de agora em diante retrovisores não fariam grande diferença.

Quando chegava em casa ligava a televisão, desviava da violência, o que sobrava era o som. No computador encontrava “solicitações de amizade”. Aquilo era estranho. A vida dos famosos desenrolava-se, denúncias, gols, vídeos engraçados, opiniões sólidas, solidariedade. Tudo parecia tão distante. Alimentava Benjamim, seu pintassilgo, e baixava o volume da televisão para escutar o pio noturno do pássaro. Antes de dormir rabiscava algumas palavras em um caderno. Gostava de rimar, escrever quadrinhas, tercetos, já tentou escrever contos, mas parecia que sempre ficava faltando alguma coisa, talvez a rima.

Morava no Campo Comprido e trabalhava no Centro, cinquenta minutos dentro de um Expresso, segurando-se em ferros e sentindo pon-



tadas na coluna. Quando conseguia sentar-se observava as pessoas. Mulheres carregadas de sacolas plásticas, ansiosas, homens que não olhavam para lugar nenhum, condenados a uma hora de nada. A paciência parecia ser a religião daquelas pessoas. As conversas tinham tom de espera, nenhuma descoberta ou entusiasmo, a voz mecânica que anuncia as próximas paradas informava quando deveriam haver despedidas, que eram secas.

Gostava também de observar a cidade, os feios conjuntos habitacionais da Vila Sandra davam a impressão de que o mundo resumia-se a antipó, motocicletas, pizzarias e pilhas de três andares de caixas de concreto pintado de branco. Tudo isso era atravessado por um rio-egoto que nas épocas de seca, fazia do bairro um grande banheiro de rodoviária.

Depois da Vila Sandra o ônibus entrava na Ecoville, torres luxuosas para famílias bonitas e felizes, era isso o que os folhetos promocionais davam a entender. Os prédios tinham quase todos nomes franceses, a arquitetura era cópia de vários estilos, e também copiava estilos já copiados, uma grande salada de nabos sem sal, repleta de imensas janelas de vidro, onde por alguns instantes, quem viajava de ônibus poderia ver um pouco daquilo que jamais teria. As estações-tubo completavam a refeição in-sossa, pareciam solitários emblemas da modernidade perdidos entre grandes terrenos baldios e porções de concreto cercadas por fios elétricos.

Quando se cansava de criticar a arquitetura, Manuel perguntava-se o que deveria estar fazendo Benjamim naquele instante, e sempre lhe vinham à cabeça três palavras: comendo, dormindo, morrendo. Então ele voltava a olhar para alguém dentro do ônibus, olhava com raiva, “que vida infeliz deve ter essa pobre alma miserável, e pior, não tem consciência de sua miséria”.

O veículo entrava no Centro, e tudo parecia estar à venda, os outdoors anunciavam promoções relâmpago, as motos fugiam dos congestionamentos passando por cima das calçadas, alguém colocava flanelas nos retrovisores e depois passava recolhendo o dinheiro dos que as compravam, um caminhão pintava faixas brancas no asfalto enquanto um policial guiava o trânsito, os carros davam passagem para uma ambulância de sirenes ligadas. As pessoas pareciam atores de um filme de ação, ou raios virulentos rasgando um céu pacato. Manuel sentiu inveja de toda essa energia. Talvez fosse apenas um medroso que estivesse fugindo dos sabores e cheiros, enquanto que os outros, cada qual a sua maneira, entregavam-se ao combate. Ele era uma engrenagem com os dentes gastos que começava a perder a serventia. Precisava acreditar em algo. Não conseguia.

As casas alternavam-se, lajotas reluzentes, vidro espelhado, madeira com lambrequins, colonial português, alemão do século XIX, modernista envelheci-

da. Cobrava uma coerência da Paris de Haussmann, ou da República Veneziana, mas o que havia era o hiato, o dente quebrado, e talvez essa fosse a verdade do lugar onde vivia. Não havia rima, os versos eram mal ajambrados e rasos, mas a pureza do poeta faria de si mesmo sua grande construção. Encheu os olhos com o líquido da solidariedade. Cumprimentou o motorista de seu ônibus.

Já na calçada arrependeu-se. De hoje em diante teria de cumprimentá-lo todos os dias. Quando voltou para casa, o motorista era outro. Durante o percurso conseguiu sentar-se, mas seu cérebro estava cansado de opiniões, críticas e comparações, resolveu ser como aqueles que partem para um mundo sem portas ou janelas e só voltam de lá no instante em que o ônibus para em seu ponto. Nas primeiras vezes que fez isso, o pensamento escapou por alguma fresta mal vedada, e quando percebeu já estava pensando como antes. Mas depois, conseguiu abstrair-se, às vezes fechava os olhos, enxergava as manchas

coloridas, escutava somente os ruídos que queria ouvir, finalmente aprendeu a bloquear tudo que vinha do mundo de fora. Ele ficava em um quarto escuro até ouvir as palavras mágicas: “próxima parada, terminal do Campo Comprido”.

Percebeu que depois que aprendeu essa técnica, chegava em casa muito mais tranquilo e descansado. Ficava muito mais fácil escrever versos em seu caderno. Desenvolveu um poema longo, sem rima, que falava das dores miúdas dos dias, das pequenas sombras entre as folhas, o ninho de ovos do beija-flor. Se Manuel não conseguia ser a pessoa energética que o mundo esperava dele, em compensação enxergava coisas que as outras pessoas que tomavam ônibus com ele, nem suspeitavam existir. Já que tudo era assim mesmo, e que o destino de Manuel era ficar sempre no meio, sem sabedoria nem ignorância, então porque lutar? “Continuo em meu emprego mais um ano, depois vou procurar outro.”

Manuel logo percebeu que é muito difícil a vida de um homem di-



EM BUSCA DE CURITIBA | GUIDO VIARO

vidido, você mesmo passa a não acreditar no que diz, desconfia de todos e crê estar sendo perseguido. Por outro lado, tem a possibilidade de escalar uma árvore de trinta metros às 3 horas da manhã, casar-se com duas mulheres, se mudar para Bangladesh, comprar uma canoa e ir pescar de madrugada. Mas ele não tinha coragem para os extremos, então aceitava os sabores enjoativos das metades. Passou a fechar os olhos durante as viagens de ônibus.

O caderno de trovas amarelou suas páginas. A criação parecia o caminho de alguém que não teme a liberdade. Usava seu tempo livre lendo livros que ensinavam a ser feliz. Sublinhava as linhas que achava interessantes, percebia os erros cometidos e as mudanças possíveis. O entusiasmo começou a ceder após o quinto volume, o conteúdo era sempre igual, e mesmo que fosse verdadeiro e fácil de ser posto em prática, já não tinha mais certeza se desejava ser feliz.

Voltou a seu caderno, leu as últimas palavras escritas. Rasgou a página. No dia seguinte sentiu um grande nó no peito, se chorar ajudasse, ele teria molhado todo seu apartamento. Desligou a televisão e ficou olhando para Benjamim. O pássaro não quis cantar. Ansioso, Manuel segurou um lápis entre os dedos. Depois da página arrancada, o caderno de escritos mostrava outra em branco, o instinto de sobrevivência fez com que seus dedos desenhassem o contorno da gaiola de Benjamim. Surpreendido com o resultado preciso, começou a desenhar também o pássaro. Peito vermelho, olhos amarelos, encontrou uma caixa de lápis de cor remanescente de

sua infância, o bico foi a parte mais difícil de desenhar, muito longo, curto demais, bico não é nariz. As penas do rabo num marrom escuro, as garras na cor da pele, decidiu deixar de fora a pulseira metálica com autorização do IBAMA.

O resultado surpreendeu-o, e ele teve alguns momentos de genuína felicidade. A felicidade talvez seja como aqueles animais velozes que quando os perseguimos, nunca alcançamos, mas se nos fingimos de amigos, dizemos doces palavras e oferecemos leite, eles vêm comer em nossas mãos.

No dia seguinte, Manuel pegou o ônibus pela manhã, estava armado de caderno especial para desenho, lapiseiras e lápis de cor dos mais modernos. Deu sorte e conseguiu sentar, as pessoas olhavam curiosas para o que ele estava fazendo, mas ele não dava atenção a ninguém. Antes de terminar sua viagem, havia feito um esboço do interior do ônibus, o desenho iniciava-se na grossa nuca do motorista, depois descrevia duas mulheres na faixa dos quarenta anos que carregavam muitas sacolas plásticas, usavam japonas de napa, que não cobria o início de seu regos. Na parte lateral de seus corpos, Manuel desenhava aquela gordura que é difícil de ser escondida, e que às vezes, se parece com grandes peças de carne penduradas. Desenhava também as janelas do ônibus e a sanfona que divide o veículo em dois.

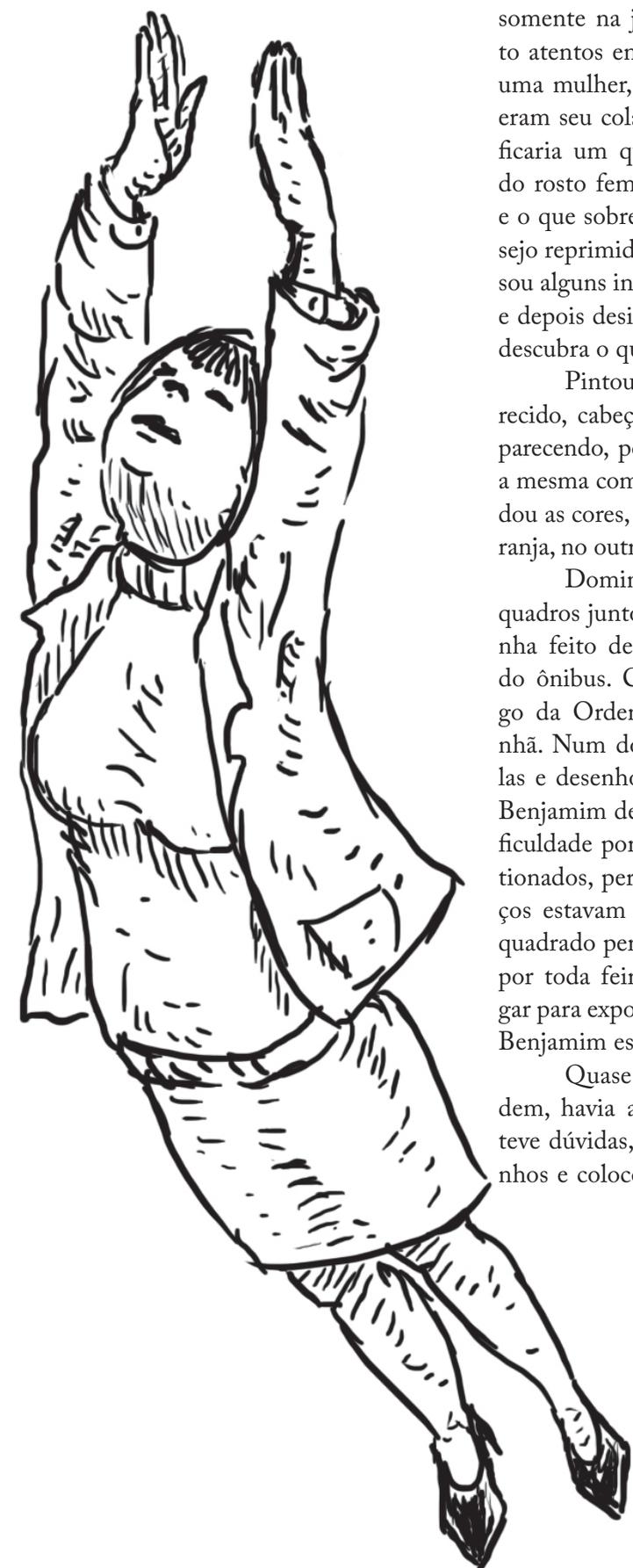
Seu tempo acabou, precisava des-



cer, mas guardou na memória várias outras figuras com as quais iria completar o desenho. Chegando em casa a primeira coisa que fez foi pintar com tinta o que estava desenhado a lápis. Poderia chamar aquele de seu primeiro quadro.

Quando tivesse vários talvez pudesse vendê-los na feirinha do Largo da Ordem. Decidiu pintar mais três quadros até o domingo, dia da feira de artesanato. Comprou telas, pincéis e várias latas de tinta a óleo. Na quarta-feira, ele ainda molhava o pincel no azul e fazia círculos no meio da tela. Desistiu do abstrato, pintou a tela toda de preto, e colocou nos cantos, grandes joias flutuando no meio do nada, o rosto desenhado era em preto sobre preto, os leves contornos eram identificados



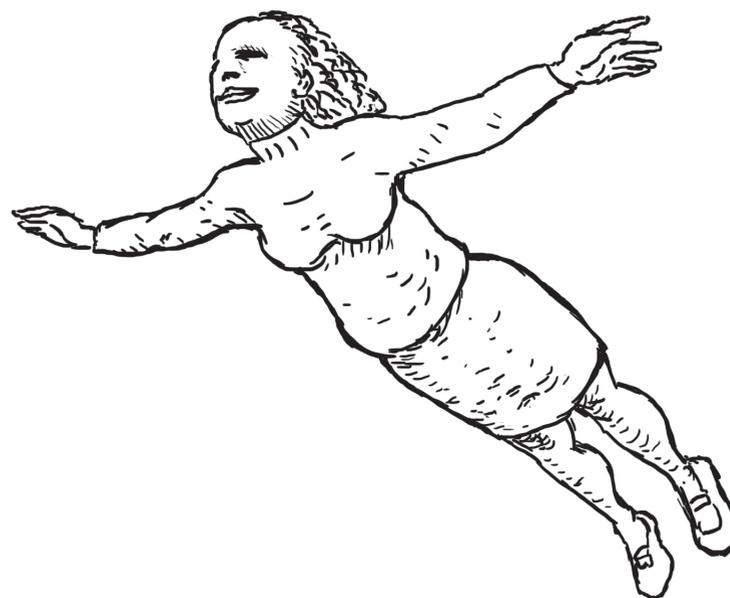


somente na junção das cores, os muito atentos enxergavam ali os traços de uma mulher, os detalhes em vermelho eram seu colar e brincos. O que significaria um quadro onde os contornos do rosto feminino são quase invisíveis e o que sobressai são os adereços? Desejo reprimido, repulsa declarada? Pensou alguns instantes sobre o significado e depois desistiu, quem o observar que descubra o que quer dizer.

Pintou mais dois num estilo parecido, cabeças femininas quase desaparecendo, porque a cor do fundo era a mesma com que pintava o rosto. Mudou as cores, em um a cabeça estava laranja, no outro púrpura.

Domingo. Embrulhou os três quadros junto com os desenhos que tinha feito de Benjamim e do interior do ônibus. Chegou na Feira do Largo da Ordem antes das sete da manhã. Num dos braços carregava as telas e desenhos, no outro a gaiola com Benjamim dentro. Caminhava com dificuldade por entre corredores congestionados, percebeu que todos os espaços estavam loteados, qualquer metro quadrado pertencia a alguém. Circulou por toda feira tentando achar um lugar para expor seus quadros e desenhos, Benjamim estava lá, só para tomar sol.

Quase na frente da Igreja da Ordem, havia alguns metros livres. Não teve dúvidas, expôs os quadros e desenhos e colocou a gaiola no chão. Pou-



cas pessoas se interessaram por seu trabalho, alguém disse “que quadro triste”, um menino achou bonito o desenho que mostrava o interior do ônibus, seu pai disse “você precisa conhecer obras de arte verdadeiras, esse homem é só um artesão”. Perguntou-se onde tinha errado, talvez para a próxima semana pintasse paisagens, ou figuras femininas bem contornadas e com poucas joias. Não ficou triste.

O sol não tinha nuvens, a luz de abril trazia uma tonalidade roxa que vinha do alto da igreja dos protestantes. Sentado em um banco, observou o Centro Histórico, casa do século XVIII, do XIX, buracos de concreto, que já foram buracos de madeira e que tinham vários nomes, casas mal conservadas do início do século XX, monumento enorme, em vidro, com a imensa área interna mal aproveitada, uma balbúrdia de linhas arquitetônicas, oca de índios, mansão de nouveau riche, indústria bélica, igreja modernista. Manuel sorriu: “a esse conjunto não faltam somente a rima, faltam também as palavras”.

Manuel olhou para Benjamim, um pássaro que já o acompanhava há oito anos, talvez aquele fosse o úni-

co ser no mundo que ele amava. Mas Benjamim estava velho, e para onde iria esse amor quando ele morresse? Caminhou até o velho bebedouro de cavalos, um pássaro criado em cativeiro não teria chances de sobrevivência se fosse solto no centro da cidade. Colocou a gaiola parcialmente dentro do bebedouro, Benjamim bebeu água e começou a cantar. Manuel abriu a gaiola e viu o pássaro partir. Voou até a vigia central da Igreja da Ordem. Por um instante Manuel achou que havia feito uma grande bobagem, e chamou-o para que ele voltasse para a gaiola. Ele bateu novamente as asas em direção a um sol tão vermelho quanto suas penas. Manuel derramou uma lágrima, e depois se sentiu feliz como uma criança. ■

MAKING OF



Memórias de

Trópico de câncer, primeiro romance de Henry Miller, é um relato libertário e radical sobre as andanças do autor pela Paris dos anos 1930

Henry Miller e Eve McClure em uma praia espanhola, em 1953, ano em que se casaram.

Reprodução

uma alma sedenta

OMAR GODOY

Se as bibliotecas dedicassem uma seção exclusiva aos grandes clássicos censurados da literatura universal, *Trópico de câncer* certamente seria um dos destaques da coleção. Considerado um dos livros mais importantes do século XX, o “proibidão” do americano Henry Miller (1891–1980) foi publicado pela primeira vez em 1934, na França, mas só saiu na terra natal do autor quase 30 anos depois, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos o absolveu das acusações de obscenidade.

No Brasil, chegou ao mercado em 1963, junto com outra obra importante de Miller, *Trópico de capricórnio* (publicado originalmente em 1939). Três anos depois, já em plena ditadura militar, os dois livros foram recolhidos por conter linguagem “inadequada” para o público jovem. A editora Ibrasa recebeu o lote de volta semanas depois, porém com um desfalque de milhares de cópias.

É claro que a proibição por si só não justifica tamanha reverência a *Trópico de câncer*, elogiado por figurões como T.S. Eliot, Ezra Pound e Samuel Beckett. Seus motes são a liberdade individual, a importância da experiência, a fome de viver, o sexo sem tabus, a expressão radical dos sentimentos. Elementos que as gerações seguintes, especialmente a da contracultura da década de 1960, abraçou e absorveu sem reservas.

Com fortes tintas autobiográficas, o livro narra “a aventura que levou o autor aos confins espirituais da Terra”, como escreveu no prefácio do romance a escritora Anaïs Nin, amante de Miller

e financiadora da primeira edição. São episódios esparsos, sem muita ligação, baseados nas andanças de Miller pelo lado marginal da Paris dos anos 1930.

De origem humilde, Henry Miller trabalhou em inúmeros subempregos antes de decidir ganhar a vida escrevendo. Criado nas ruas de Nova York, foi lavador de pratos, estivador, açougueiro, vendedor, motorista de ônibus e até assistente de um pastor evangélico. Aos 21 anos, mudou-se para San Diego, na Califórnia, onde se casou duas vezes (com Beatrice Wickens, mãe de sua primeira filha, e June Smith, ambas posteriormente imortalizadas em sua obra) e conseguiu vender seus primeiros textos para jornais e revistas.

Com esse dinheiro, partiu para a França em 1930 e lá ficou até o início da Segunda Guerra Mundial, perambulando por pensões vagabundas, bares suspeitos e prostíbulos, entre outros ambientes nada familiares. Mas também conviveu com artistas e intelectuais como Lawrence Durrell, Alfred Perles, André Breton (o surrealismo foi uma de suas influências confessas) e a já citada Anaïs Nin (que relatou seu romance com Miller em livro).

Trópico de câncer é uma espécie de compilação de memórias delirantes dessa época, com direito a relatos sexuais explícitos, observações sarcásticas sobre uma sociedade cada vez mais robotizada e *insights* filosóficos de tirar o fôlego. “É preciso enfiar-se na vida outra vez para ter carne. O verbo tem que se fazer carne, a alma está sedenta. Toda migalha que meus olhos virem, vou pegar e devorar. Se o que está acima de tudo é viver, então vou viver, mesmo se tiver de

virar canibal”, afirma, numa passagem nitidamente influenciada por Nietzsche (um de seus maiores gurus conceituais, ao lado de Céline, Dostoiévski, Joyce, Thoreau, Whitman, Rabelais).

O ritmo é ágil e a linguagem, crua e direta. Como bem definiu o ensaísta Kenneth Rexroth, “Hans Christian Andersen falou a respeito do menino e as roupas novas do imperador. Miller é o próprio menino. Fala sobre o imperador, as espinhas de suas nádegas, as verrugas de suas partes pudendas e a sujeira entre os dedos de seu pé. Outros escritores, no passado, fizeram isso, sem dúvida, e foram os grandes, os verdadeiros clássicos. Fizeram-no, porém, dentro das convenções da literatura. Usaram as formas da Grande Mentira para por a nu a verdade”.

Lançado com sucesso na França, *Trópico de câncer* teve uma carreira comercial ainda melhor nos Estados Unidos após a liberação — em apenas um ano, foram vendidos mais de 1 milhão de exemplares do romance de estreia de Miller. Nada mal para uma obra que, segundo seu autor, não era exatamente um livro, mas “um insulto sem fim, uma cusparada na face das artes, um pontapé em Deus, no amor e na beleza”. Sobre o título, ele diria, anos mais tarde: “O câncer simboliza a doença da civilização, o ponto final do caminho errado, a necessidade de mudar de rumo radicalmente, para começar tudo de novo a partir do zero”.

O escritor voltou para a América em 1940, onde refinou sua prosa e seguiu produzindo obras como *O colosso de Marússia* (1941), *Pesadelo refrigerado* (1945) e a trilogia *A crucifica-*



Dois Trópicos: edições brasileiras do livro de Miller.

ção encarnada — composta por *Sexus* (1949), *Plexus* (1953) e *Nexus* (1960). Casou-se mais três vezes: com Janina Lepska (com quem teve dois filhos), Eve McClure e Hiroko Tokuda (quase 50 anos mais nova do que ele). Morreu em Los Angeles, aos 88 anos, de complicações circulatórias.

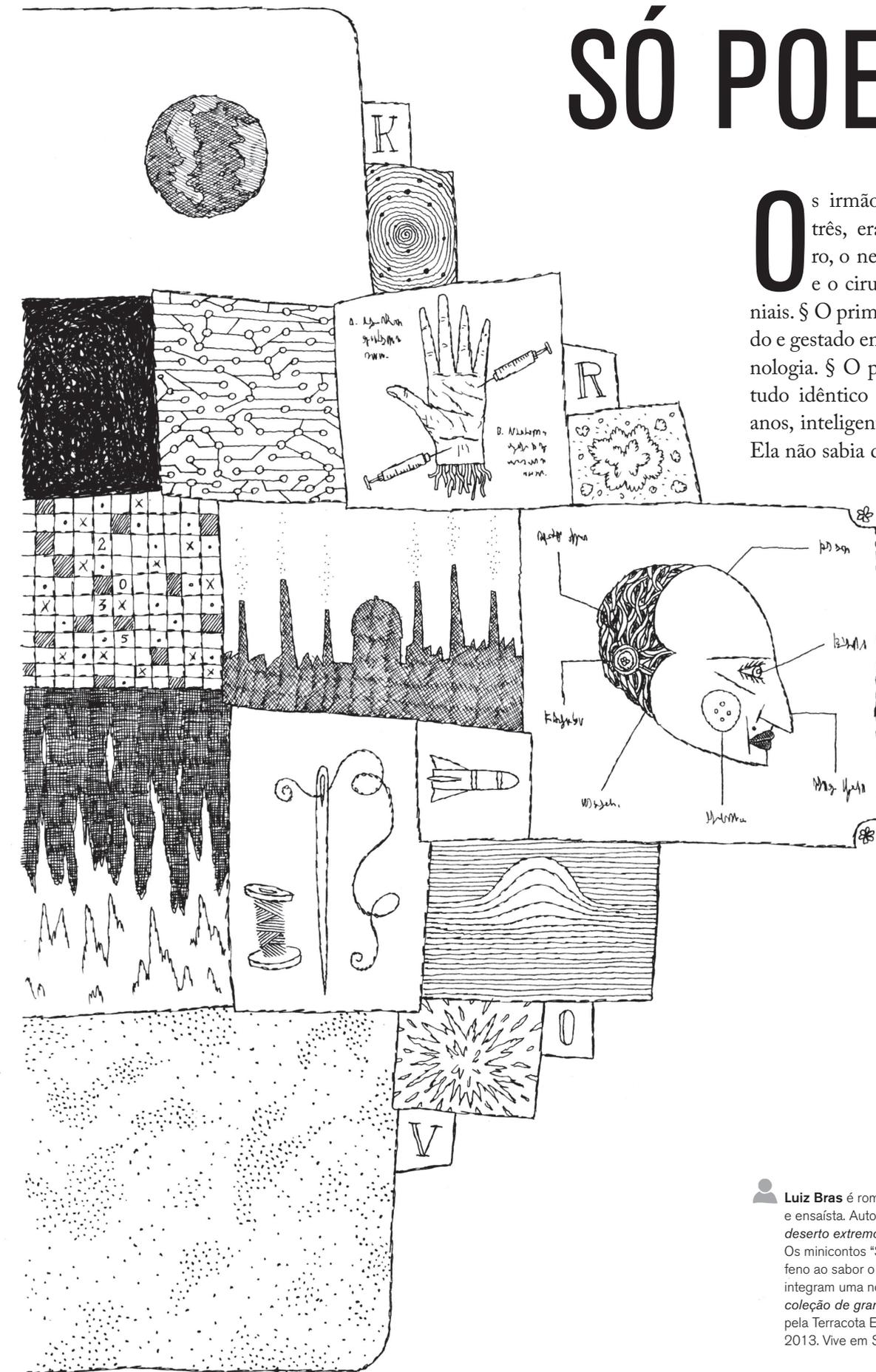
Mas o mulherengo Miller ainda deixaria uma surpresa para seus leitores. Durante os quatro últimos anos de sua vida, ele se correspondeu de forma apaixonada com a jovem Brenda Venus, dançarina, atriz e modelo da revista *Playboy*. Foram mais de 1.500 cartas enviadas, que acabaram virando um livro (*Dear, Dear Brenda*, lançado em 1986) e são a prova definitiva de que a alma de Miller se manteve sedenta até o final. ■

SÓ POEIRA

Os irmãos Karamazov não eram três, eram quatro: o engenheiro, o neurologista, o matemático e o cirurgião plástico. Todos geniais. § O primeiro androide foi projetado e gestado em sua empresa de alta tecnologia. § O primeiro androide era em tudo idêntico a uma mulher de trinta anos, inteligente, atraente e saudável. § Ela não sabia que era um androide. § A

perversidade satânica dos irmãos Karamazov era ilimitada. Na coletiva de imprensa, os sacanas disseram: que graça teria a criação de um androide perfeito, se a criatura soubesse que é um androide? § Para assegurar que ninguém cederia à tentação de revelar ao androide sua verdadeira natureza, os irmãos Karamazov implantaram no cérebro positrônico um dispositivo demoníaco: uma bomba. § Na coletiva de imprensa, os canalhas explicaram: o detonador foi programado para reconhecer o padrão neural da autoconsciência. No momento em que o androide descobrir sua verdadeira natureza, a bomba explodirá, pulverizando o planeta. § Nos anos seguintes a empresa produziu e comercializou vinte milhões de androides. Todos idênticos a um ser humano de verdade, de ambos os sexos. Todos com o dispositivo de autodestruição. § O grande incêndio de 2034, que devastou São Paulo, reduziu a cinzas o parque industrial dos irmãos Karamazov e todos os seus registros físicos. A epidemia de 2035, que devastou os bancos de dados do mundo inteiro, apagou todos os registros eletrônicos. § Já não era mais possível distinguir um ser humano de um androide. § Anos depois do final da Terceira Grande Guerra as coisas continuavam bastante confusas para os poucos sobreviventes. § O primeiro profeta dizia que todos os seres humanos tinham morrido na guerra e apenas uns poucos androides haviam sobrevivido. § O segundo profeta dizia que todos os androides tinham morrido na guerra e apenas uns poucos humanos haviam sobrevivido. § O debate certamente atravessaria as décadas, talvez os séculos, se um hipocondríaco desmiolado não tivesse descoberto, com um simples exame de sangue, sua real natureza. § Você nem imagina, meu filho, a nossa decepção quando chegamos à Terra, depois de trinta anos de viagem, e já não havia mais Terra, só poeira.

 **Luiz Bras** é romancista, contista e ensaísta. Autor de *Sozinho no deserto extremo* e *Paraíso líquido*. Os minicontos "Só poeira" e "Bolas de feno ao sabor o vento" são inéditos e integram uma nova coletânea, *Pequena coleção de grandes horrores*, que sairá pela Terracota Editora, em março de 2013. Vive em São Paulo (SP).

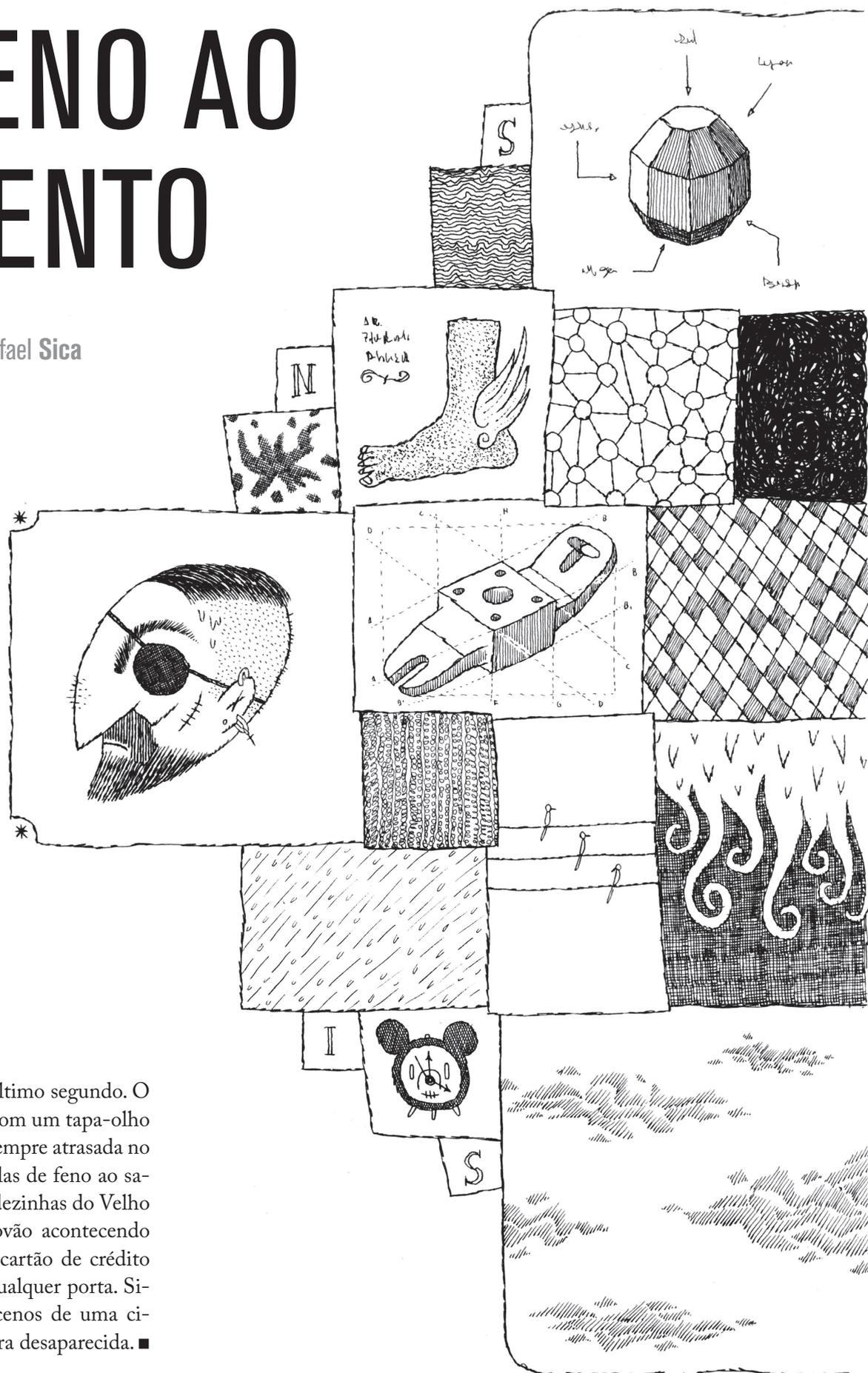


BOLAS DE FENO AO SABOR DO VENTO

Preste atenção a tudo o que não faz sentido ou não tem importância. A tudo o que não encaixa direito. São sinais, eles podem estar tentando se comunicar com você. Preste atenção aos detalhes irrelevantes. Recolha todas as peças, não deixe escapar nada. O despertador que atrasou dois minutos. O tijolo faltando no alto do muro. A nuvem com formato engraçado. A meia que sumiu. Sinais, compreende? Monte o quebra-cabeça. Eles podem estar tentando falar especificamente com você. Preste muita atenção, tome nota de tudo o que parecer tolo ou trivial. Meio século atrás eles descobriram nosso planeta, a civilização humana. Reuniram toda a energia disponível e dispararam em nossa direção uma série de mensagens amigáveis e entusiasmadas. Preocupados com nosso futuro incerto, mandaram pra nós, de presente, soluções científicas e espirituais. Coitados. O esforço foi tão grande que seu planeta foi pulverizado, seu sol também. As mensagens chegaram, mas em franjinhos. As ofertas de amizade e colaboração dispersaram-se na atmosfera. Viraram chuva semiótica. Uma placa meio torta indicando a rua errada? O silêncio súbito numa avenida de trânsito intenso? O desenho esquisito na mancha de óleo? Os clichês nos filmes americanos? Preste muita atenção, tome nota. São sinais, principalmente os clichês nos filmes americanos. São eles tentando se comunicar com a gente. O herói desa-

Ilustrações: Rafael Sica

ativando a bomba no último segundo. O vilão frio e calculista com um tapa-olho e um gato. A família sempre atrasada no café da manhã. As bolas de feno ao sabor do vento nas cidadezinhas do Velho Oeste. O raio e o trovão acontecendo ao mesmo tempo. O cartão de crédito ou o arame abrindo qualquer porta. Sinais, compreende? Acenos de uma civilização distante, agora desaparecida. ■



Perspectivas de um outro olhar

A literatura escrita por mulheres conquista cada vez mais espaço no imaginário dos leitores, no mercado editorial e no meio literário, apesar de ainda haver predominância de homens produzindo e publicando ficção

Ilustrações:
André Ducci

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há presença feminina na literatura — da mesma maneira como as mulheres estão nas redações de jornal, hospitais, agências de publicidade, plataformas de petróleo, canteiros de obras, palcos e outros espaços do mundo contemporâneo. Cíntia Moscovich, Clarah Averbuck, Lívia Garcia-Roza, Elvira Vigna e Luisa Geisler são nomes que dividem holofotes em eventos literários e disputam prêmios, espaço em livrarias — e no imaginário dos leitores — com Reinaldo Moraes, Marçal Aquino, Sergio Sant’Anna, Michel Laub, Rubens Figueiredo e outros.

O fato é real, mas a denominação exige cautela. A coordenadora do programa de pós-graduação em estudos de literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Tânia Pellegrini, afirma que — no que diz respeito a termos conceituais — é recomendável utilizar a expressão “literatura feita por mulheres”. “Literatura feminina’ ou ‘literatura de mulheres’ não são expressões recomendadas, porque contêm certo viés pejorativo, associado à expressão ‘coisas de mulher’”, diz Tânia.

A especialista da UFSCar comenta que o campo de estudos denominado “literatura feita por mulheres” desenvolveu-se no Brasil devido ao aumento gradativo do número de mulheres no mercado de trabalho e nas universidades. “Os movimentos internacionais de liberação feminina que aqui chegaram, em meados dos anos 1960, iniciaram a construção de um espaço de rebeldia onde já se podia discutir a ‘condição feminina’, tentando destruir o mito vigente da inferioridade natural da mulher”, argumenta a professora da UFSCar, que leciona literatura brasileira no curso de Letras.

De musa a sujeito

A professora da Universidade de Brasília (UnB) Cristina Maria Teixeira Stevens chama atenção para o fato que, ao passar a escrever, e mulher deixa de ser musa — e objeto — para se tornar sujeito das narrativas. No Brasil, a pioneira foi Nísia Floresta (1810-1885), autora de *O modelo das donzelas* (1847). Apenas em 1977, uma mulher — Rachel de Queiroz (1910-2003) — iria entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL), instituição fundada em 1897. O assunto ganha espaço entre aqueles que produzem dissertações e escrevem teses.

“Creio ser esta uma discussão muito mais acadêmica do que daqueles que fazem literatura”. A afirmação é da escritora Stella Florence, autora, entre outros, de *Os indecentes* (2011). Cíntia Moscovich também tem um ponto de vista semelhante ao de Stella. “Se há uma escrita ou literatura feminina, isso se discute há décadas. Desde que as mulheres passaram a votar, representar força de trabalho e começaram a mostrar sua produção ao mundo, surgiu a tal indagação, na verdade uma discussão nascida no seio da academia”, observa autora de *Duas iguais* (1998), *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) e do recém-publicado *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012).

Estabelecer exatamente o que é, ou pode ser, a chamada literatura feita por mulheres é missão difícil. Há alguns anos, durante a temporada em que atuou no jornal *Zero Hora*, Cíntia realizou uma experiência que — mais do que respostas — revelou ainda mais dúvidas a respeito do tema. “Na primeira página do ‘Segundo Caderno’, colocamos trechos de vários autores, homens e mulheres, e pedimos aos leitores que identificassem quais textos eram de homens, quais de mulheres. Claro que todo mundo errou. Agora: se é verdade que a inserção cultural do indivíduo aparece naquilo que ele escre-



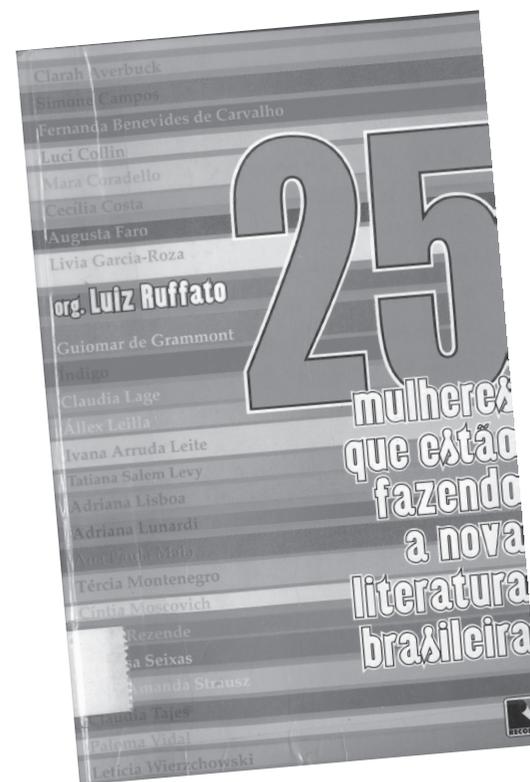
Arquivo

Clarice Lispector é um exemplo: escreveu literatura de alta qualidade, algo que não pode ser reduzido a nenhum rótulo como, por exemplo, “literatura feminina”.

ve, deve haver marcas do feminino e do masculino. Eu não sei bem quais são e nunca ninguém conseguiu me dizer”, comenta a escritora.

Apenas literatura

A discussão rende. Suzi Frankl Sperber, professora do departamento de teoria literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), observa que os autores homens têm um olhar e um discurso que refletem os papéis sociais masculinos. “Como ao longo de milênios os homens ocuparam também o centro do poder, o discurso masculino poderá refletir este olhar, esta perspectiva, como pode, conforme o caso, refletir um olhar descentralizado, que se caracteriza por não abranger uma compreensão de totalidade do mundo descrito”, afirma Suzy.



Em 2004, Luiz Ruffato organizou uma antologia com autoras: “As mulheres escrevem desde sempre, desde que o mundo é mundo. E os temas são os temas universais e não diferem do que escrevem os homens, a não ser pela visão de mundo”, afirma Ruffato. Foto: Divulgação.

CAPA | MULHERES NA LITERATURA



Divulgação

Adélia Prado defende a ideia de que não há literatura feminina ou masculina, mas, na realidade, literatura de qualidade ou não.

A professora da Unicamp lembra de algumas palavras da escrita Adélia Prado, para quem não haveria literatura feminina e/ou masculina, “mas literatura de qualidade ou não”. “Paralelamente, não haveria literatura negra e branca, mas boa e ruim. Apesar de haver a repetida negação de algumas autoras de que não existe uma literatura feminina (a par das feministas, que afirmam a existência de uma literatura feminina), não podemos negar que os papéis sociais acabam marcando os discursos, assim como a temática e as perspectivas de mundo de autores”, diz Suzy. Para dar suporte ao discurso, a estudiosa da Unicamp cita Clarice Lispector: “Que não é uma autora de ‘literatura feminina’, mas simplesmente de literatura de alta categoria, e não deixa de apresentar em suas obras as perspectivas, o olhar de-

correntes dos papéis sociais – domésticos, tantas vezes – femininos”.

Mapa das vozes recentes

A cena literária brasileira do início do século XXI foi marcada pela publicação de antologias que procuravam mapear as novas vozes. Em 2001, *Geração 90: manuscritos de computador*, coletânea organizada pelo escritor Nelson de Oliveira, apresentou autores como João Anzanello Carrascoza e Marçal Aquino — e destaque para a prosa inventiva de Cíntia Moscovich. Oliveira organizaria uma segunda antologia, *Geração 90: os transgressores* (2003), com espaço para Ademir Assunção, Altair Martins, André Sant’Anna, entre outros, e também para as autoras Ivana Arruda Leite, Luci Collin e Simone Campos.

As duas antologias provocaram tremores de terra e bastante polêmica.



Divulgação

Stella Florence não acredita na existência de uma literatura feminina – o que, se existisse, implicaria em se estabelecer uma literatura masculina. “O que existe são olhares diferentes. Cada escritor é um universo.”

Sobretudo, chamaram a atenção para a pouca presença de escritoras. Em seguida, Luiz Ruffato capitaneou duas outras antologias que traziam apenas vozes femininas: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) e *+ 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005). “Em nenhuma das duas antologias usei o adjetivo ‘feminino’. Falei de escritoras que estão fazendo a nova literatura brasileira. Naquele momento acreditava que eram importantes as antologias. Creio que uma nova antologia hoje seria desnecessária”, diz Ruffato, que não acredita em literatura com adjetivo: “Literatura é literatura. Para mim não importa se o texto foi escrito por um homem ou por uma mulher, mas se ele me afeta ou não afeta”.

Tânia Pellegrini, da UFSCar, comemora, entre outras conquistas, que já

se rompeu a oposição maniqueista reservada à mulher, antes retratada como anjo ou demônio ou apenas esposa ou amante. “Hoje, a mulher exibe uma imagem contraditória, com a pluralidade de faces de todo ser humano”, afirma a estudiosa. Outros ventos sopram, muito se passou desde que, ao invés de publicar, as mulheres tinham que esconder seus textos, pois eles eram considerados perigoso passatempo para donas-de-casa prestimosas ou “mocinhas casadoiras”. “As escritoras foram se dando conta de que têm formas próprias de ‘ser’ e ‘estar no mundo’ e isso alimenta até hoje sua literatura, finalmente concretizada como um espaço simbólico de representação de uma nova condição social para a mulher contemporânea, com desencontros, erros e acertos, num país e num mundo em acelerada e profunda transformação”, diz Tânia.

Cleber Passus



Uma das principais vozes da literatura contemporânea, Cíntia Moscovich tem leitores no Brasil e no exterior, e é presença constante em eventos e publicações.

Kraw Penas



Elvira Vigna é uma das vozes contemporâneas destacada pela professora Tânia Pellegrini, da UFSCar, que também cita Ana Miranda, Patrícia Mello, Adriana Lisboa, Lívia Garcia-Roza e Cíntia Moscovith.



Entre as 30 escritoras que Ruffato selecionou na antologia de autoras publicada em 2005, destaque para a paranaense Regina Iorio, com o conto "O bar".

Poeta ou poetisa?

Médico e médica. Aviador e aviadora. Candidato e candidata. Poeta e poetisa? Não. A denominação divide opiniões, e muitas mulheres que escrevem poesia não aceitam serem chamadas de poetisas, e sim de poetas. A professora Tânia Pellegrini, da UFSCar, tem explicação para o assunto: "Há algum tempo instalou-se a discussão a respeito dos dois termos, afirmando-se que usar 'poetisa' para mulheres que fazem poesia seria voltar atrás nas conquistas e direitos adquiridos pelas mulheres ao longo de séculos, pois o termo tem caráter pejorativo. Pensando tal afirmação em termos de história da língua, talvez esse suposto caráter esteja baseado na tradução do termo francês *poétesse*, que efetivamente significa aquele ou aquela que faz má poesia. Como se vê, trata-se de questão linguística que, como todas desse tipo, têm suas implicações históricas e culturais, e nas quais é difícil tomar partido, e que, na verdade, pouco significam. Nesse caso, os versos de 'Motivo', de Cecília Meireles, talvez também uma das fontes a alimentar a polêmica, encontraram só uma rima perfeita: 'Eu canto porque o instante existe/e a minha vida está completa./Não sou alegre nem sou triste/sou poeta'".

Tradição feminina

Divulgação



Luci Collin, autora do romance *Com que se pode jogar*, também é contista e poeta.

A participação da mulher nas letras do Paraná é antiga e marcante, especialmente na poesia, território em que se destacam figuras como Alice Ruiz e Helena Kolody

CAMILA FEILER

Desde a poeta Julia da Costa (1844-1911), que publicou dois livros entre 1867 e 1868 e colaborou com diversos periódicos, a participação da mulher nas letras do Paraná é marcante. Mais do que isso: o traço experimental impresso na literatura do Estado por escritores como Manoel Carlos Karam e Wilson Bueno também se faz presente na produção feminina local.

Para além de questões políticas e de gênero, escritoras como Luci Collin e Assionara Souza, de gerações distintas, já no século XXI, trouxeram um tipo de inquietação que dialoga com a tradição inovadora da prosa e da poesia paranaenses.

“A prosa da Luci, nos seus contos, revela novidade astuta e maturidade linguística. Já os poemas, sobretudo no recém-lançado *Trato de silêncios*, acabam lembrando a importância do lirismo sem medo, mesmo em tempos pós-modernos que questionam o discurso lírico”, afirma Gisele Giandoni Wolkoff, escritora e doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela UTFPR Pato Branco. A profes-

sora também ressalta o pioneirismo do Paraná, que, em 1933, reuniu intelectuais e artistas no Centro Paranaense de Cultura Feminina, que acabou se tornando um propulsor da literatura feita por mulheres no Estado.

Para Collin, que também é professora de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o Paraná conta hoje com uma produção bastante expressiva de ficção. “Se nem tanto em termos de números e publicações, seguramente em termos de qualidade”, diz.

Publicando desde 1984, quando lançou o volume de poesia *Estarrecer*, Collin também tem livros de contos e um romance, *Com que se pode jogar*, lançado em 2011. Ela concorda que há certa predominância da poesia na produção literária feita por mulheres no Paraná, mas acredita que isso não chega a caracterizar um fenômeno da literatura local. “Há poetas paranaenses — nascidas ou radicadas aqui — como Helena Kolody, Alice Ruiz, Jussara Salazar, Karen Debertolis ou Josely Vianna Baptista, entre outras, cuja produção recebe projeção nacional, ao passo que as ficcionistas tendem a ser menos conhecidas. Mas isto não é exclusividade do nosso Estado a ponto de caracterizar um fenômeno particular da cultura literária paranaense. Não tenho nenhuma ideia, nem tese para explicar isto. Quem tiver alguma, me conte, por favor.”

Se há alguma predominância da poesia entre as escritoras paranaenses, no que se refere aos temas, há pouca conexão entre as prosadoras e poetas do Estado, segundo Catia Toledo Men-

donça, professora da Unespar (Universidade Estadual do Paraná). “É difícil estabelecer esse elo. As escritoras escrevem sobre o que sentem, sobre a forma como veem mundo. Na literatura paranaense, de modo geral, a cidade de Curitiba é muito tematizada não só por Dalton Trevisan, mas também por Cristovão Tezza, Roberto Gomes e outros nomes. E este cenário também aparece

nos textos de escritoras como Assionara Souza, embora sem tanta ênfase.”

Collin diz que, mesmo que não possa identificar traços de “cor local que pudessem unir a expressão literária feminina do nosso Estado”, vislumbra grande liberdade de criação entre as escritoras paranaenses. “Me parece que, com grande liberdade e criatividade, as autoras paranaenses — seja em poesia



Alice Ruiz construiu importante trajetória como poeta e letrista de música popular.

CAPA | MULHERES NA LITERATURA

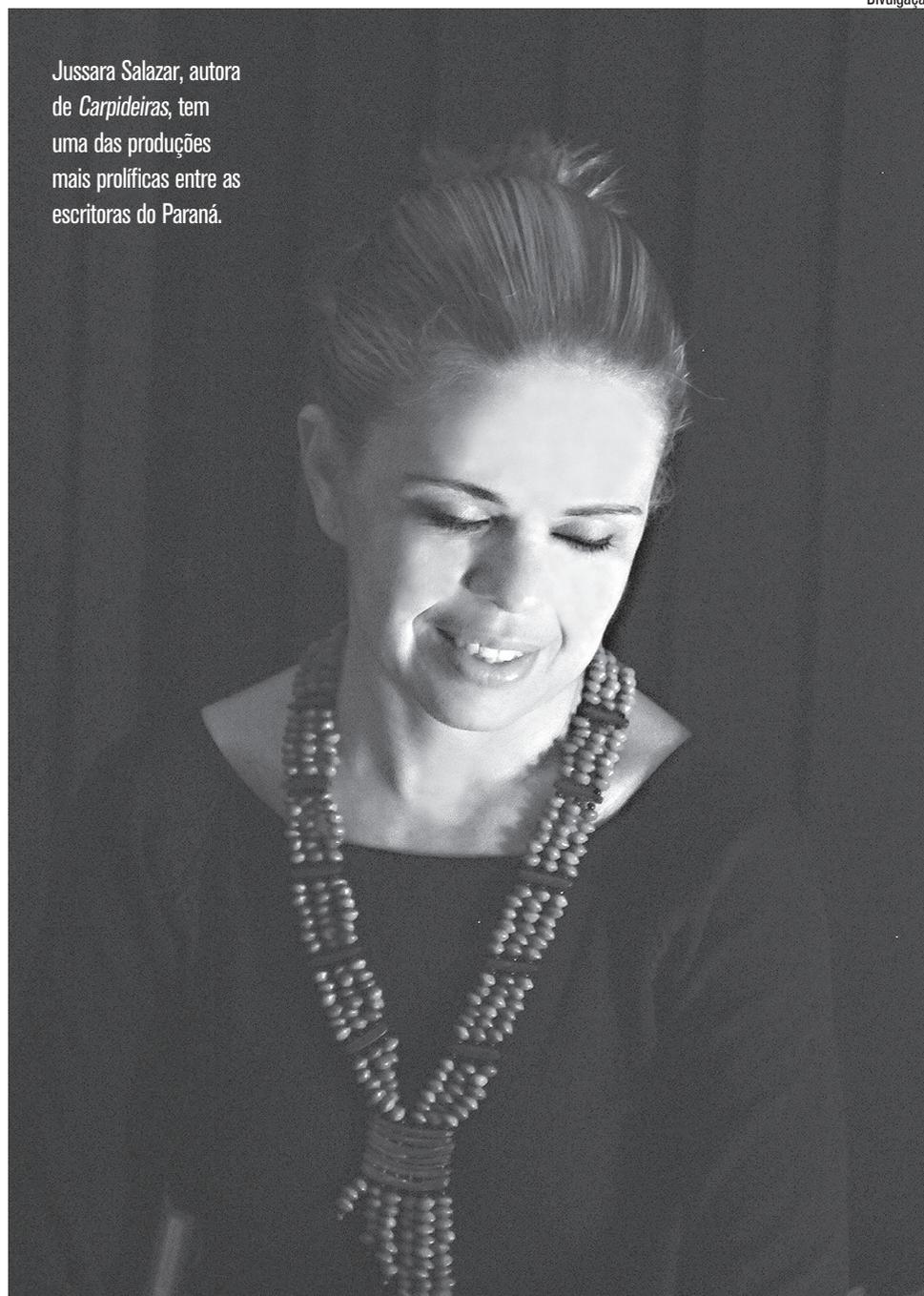
ou em ficção — vêm escrevendo sobre quase tudo, com estilos e interesses que variam entre si. Prevalece a percepção da vida e do sentido pós-modernos. Um escritor, homem ou mulher, paranaense ou não, poderá ser, em alguma medida, local ou regional, mas também deverá apresentar mais do que isto, no sentido de escrever sobre temas de apelo universal ou atemporal.”

Marcelo Franz, professor de Literatura do Curso de Letras da PUCPR, sugere que a predominância de mulheres nas letras do Estado pode estar relacionado a um certo “preconceito histórico”. “Calhou de, historicamente, os nomes femininos que mais se destacam quando pensamos nas letras do Estado, serem de poetisas. Isso pode se dever a uma certa imagem — talvez preconceituosa — que se definiu do que é a poesia e dos laços que o feminino pudesse ter com ela no que tange à ‘sensibilidade’, ‘espiritualidade’, ‘doçura’, ‘subjetividade’. Não sei o quanto isso não teria de machismo e da expressão de um renitente provincianismo que, em linhas gerais, caracteriza a cultura (inclusive a literária) do Estado.”

Além de Collin, o Paraná se firma, há algumas décadas, com autoras como Escolástica Velozo, Mariana Coelho, Regina Benitez e Lygia Lopes dos Santos. E, repercutindo, além das fronteiras, Helena Kolody e Alice Ruiz.

Maior poeta paranaense, Helena Kolody, para além de sua figura maternal, ganhou o respeito de leitores e críticos brasileiros com uma poesia aparentemente simples, mas que, justamente por isso, “chegava ao gol com menos toques na bola”, segundo definição de Paulo Leminski (um dos poetas “adotados” por Kolody e que sofreu grande influência de sua poesia, principalmente de seus haicais). Mulher de Leminski durante 20 anos, Alice Ruiz construiu

Jussara Salazar, autora de *Carpideiras*, tem uma das produções mais prolíficas entre as escritoras do Paraná.



Divulgação

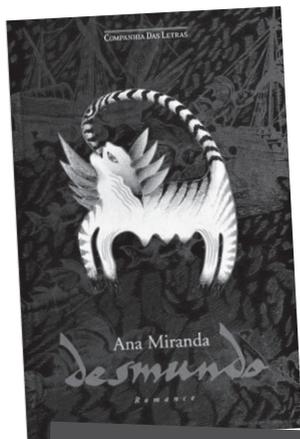
carreira consistente na poesia brasileira, laureada com prêmios como o Jabuti, que venceu em 2009 com a coletânea de poemas *Dois em um*. Ruiz, a exemplo do marido, também tem uma trajetória na MPB, a partir de parcerias com nomes como Zeca Baleiro e Arnaldo Antunes.

A safra mais recente da literatura paranaense traz nomes como o de

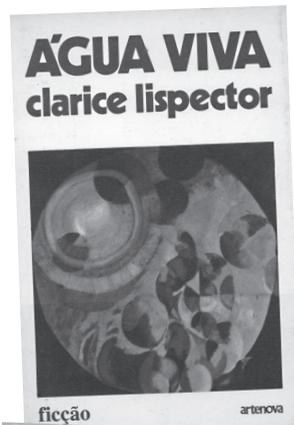
Bebet do Amaral Gurgel, com mais de dez livros publicados, a já citada Assionara Souza, Cláudia Ortiz, Gisele Pacola, Greta Benitez, a cronista Marilda Confortin, Lindsey Rocha Lagni, Bárbara Lia, Susan Blum, Maria Célia Martirani, Josely Vianna Baptista, Estrela Leminski e Jussara Salazar, entre muitas outras. ■



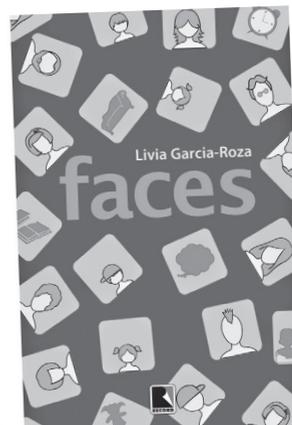
ESTANTE NACIONAL



Ana Miranda - **Desmundo**



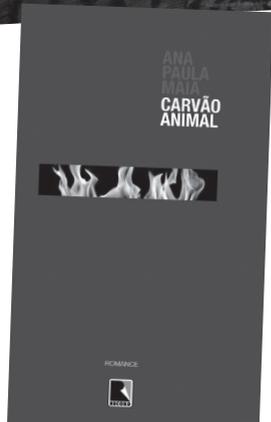
Clarice Lispector - **Água viva**



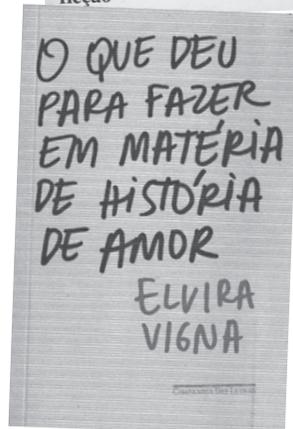
Livia Garcia Roza - **Faces**



Nélda Piñon - **Livro das horas**



Ana Paula Maia - **Carvão animal**



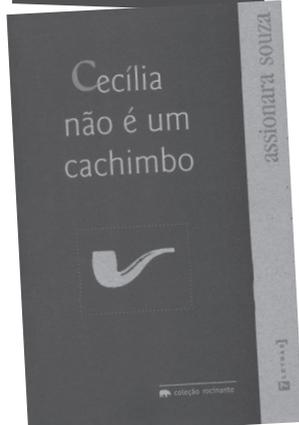
Elvira Vigna - **O que deu para fazer em matéria de história de amor**



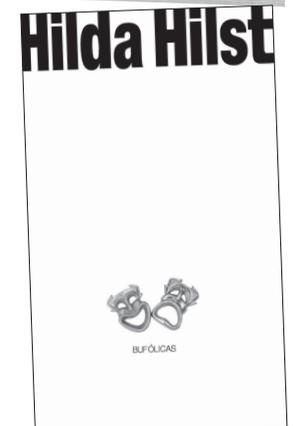
Luci Collin - **Vozesnumdivertimento**



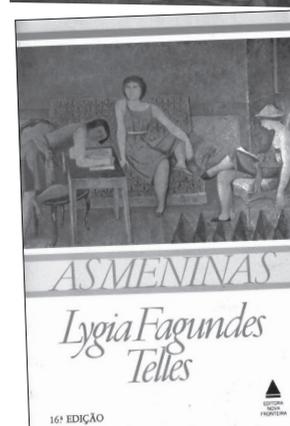
Paloma Vidal - **Mar azul**



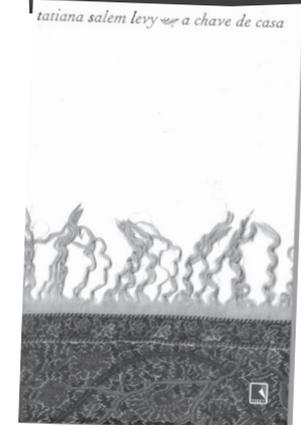
Assionara Souza - **Cecília não é um cachimbo**



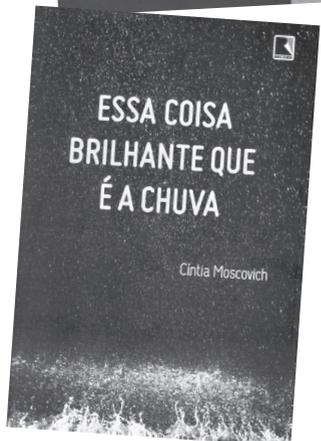
Hilda Hilst - **Bufólicas**



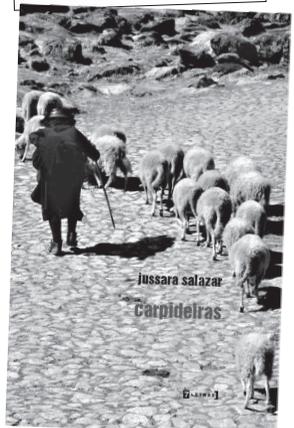
Lygia Fagundes Telles - **As meninas**



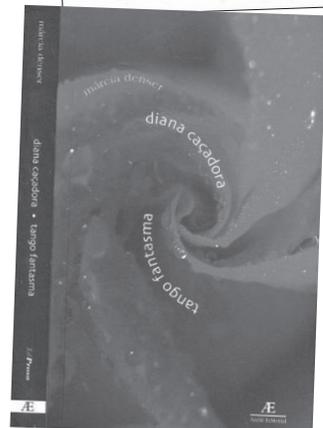
Tatiana Salem Levy - **A chave de casa**



Cíntia Moscovich - **Essa coisa brilhante que é a chuva**



Jussara Salazar - **Carpideiras**



Márcia Denser - **Diana caçadora tango fantasma**



Tércia Montenegro - **O tempo em estado sólido**

Histórias de



Ilustrações:
Bruna Ferencz

uma história mal contada

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

No clássico estudo *Um teto todo seu*, de 1929, Virginia Woolf, ao visitar bibliotecas à procura de obras escritas por mulheres, e constatar o número quase insignificante desta produção, atribuiu à profunda misoginia que não cansava de afirmar a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino, as poucas chances que então eram dadas às mulheres. E resumiu assim as condições necessárias para que o talento criativo pudesse surgir: era preciso ter um quarto próprio e serem minimamente independentes e instruídas. A exclusão cultural estava associada irremediavelmente à submissão e à dependência econômica. Se o talento criador não era exclusivo dos homens, os meios para desenvolvê-los, com certeza eram.

É certo que Virginia Woolf fala de um outro lugar e de um outro tempo, quando as universidades inglesas não aceitavam mulheres circulando em suas dependências, e muito menos o mercado de trabalho. Mas também entre nós já foi assim. Nas últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do século XX, causava comoção uma mulher manifestar o desejo de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo. Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato,

ou se juntaram para criar jornais e revistas que atravessaram muitas vezes os limites de suas cidades, de seus Estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura. Outras, apesar de tudo e todos, ousaram escrever poemas, contos, romances, teatro, e publicaram seus livros, que com o tempo se perdiam nas primeiras edições e na poeira dos arquivos.

Em conhecido ensaio publicado na Revista *Anhembi*, em 1954, intitulado “As mulheres na Literatura Brasileira”, Lúcia Miguel Pereira, assim como Woolf, decide buscar as escritoras antigas, e recorre à pesquisa de Sílvio Romero que resultou na *História da literatura brasileira*, de 1882. Lúcia escreveu: “Nessa espécie de catedral barroca de nossa literatura onde, ao lado dos santos, se assim se pode dizer, das figuras de primeira plana, de valor incontestado, tiveram entrada carrancas e bonifrates, gente miúda, gente mais — ou menos — que secundária, só foram incluídas sete mulheres: Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, sobrinha de Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, a doce Marília das liras de Gonzaga, Delfina da Cunha, Nísia Floresta (...), Narcisa Amália, Maria Firmina Reis e Jesuína Serra. (...) E é tudo; nada mais achou a dizer a respeito de mulheres o mestre sergipano”.

Ou seja, nem as contemporâneas — como Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores — e outras mais antigas, tiveram vez no arrolamento de Ro-

mero. E não foi diferente no *Dicionário biobibliográfico* de Sacramento Blake, onde, cito Lúcia Miguel mais uma vez: “Pela índole mesma da obra, [que] não teve o menor critério seletivo, abrigan-do ao contrário toda a gente que houvesse publicado fosse o que fosse, ou até que possuísse apenas escritos inéditos, havia pouco mais de cinquenta escritoras, para trezentos anos de literatura”.

A respeito da escassez de autoras, Lúcia Miguel Pereira elabora a seguinte justificativa: “Sintomática e tristíssima a situação das mulheres no Brasil colonial e imperial, dos preconceitos que as abafavam, dos quais dão testemunho tanto os romancistas que descreveram os costumes de seu tempo, como os escritores mais objetivos, cronistas, ensaístas, historiadores e, sobretudo, os estrangeiros que nos visitaram”.

Curiosamente, foi a timidez doentia das nossas moças, a sua inércia, que ficou registrada na história nacional. As outras — as exceções — foram sistematicamente ignoradas e alijadas da memória canônica do arquivo oficial. E foi tão sistemático este trabalho de alijamento, que quem se aventurasse depois a buscar as que romperam o silêncio, precisava enfrentar a desordem, o vazio, o “arquivo do mal”, na arguta expressão de Derrida.

Assim, quando em meados dos anos 1980, um grupo de pesquisadoras se reuniu em torno do projeto de resgatar escritoras do passado, e reacender esta antiga memória, foi preciso muita

determinação. Para começar, os acervos estavam dispersos em antigas bibliotecas, fragmentados em jornais carcomidos por traças e pelo descaso oficial. Buscar a memória cultural em um país que não cultua a memória, não é tarefa fácil. Um verdadeiro *puzzle* precisava ser montado e peças fundamentais — como os próprios livros escritos pelas mulheres — custavam a aparecer. Após a descoberta de um título, tinha início a batalha por sua localização, verdadeiro trabalho de arqueologia literária, tão caro à crítica feminista, quando então todos os recursos eram acionados: desde o contato com sebos e a visita a inúmeras bibliotecas, públicas e particulares, e instituições como Casa de Rui Barbosa, Fundação Joaquim Nabuco, Institutos Históricos, Academias de Letras, etc., até o apelo aos conhecidos bibliófilos do país. Que, diga-se de passagem, não mediram esforços em sua generosidade e compartilharam seus arquivos sempre que recorriamos a eles.

E uma parte do resultado deste projeto são os dois volumes intitulados *Escritoras brasileiras do século XIX*, que estão publicados pela Editora Mulheres, de Florianópolis, sob a coordenação da colega Zahidé Muzart. O primeiro surgiu em 1999, com 910 páginas, e cinquenta e duas escritoras. O segundo, em 2004, com 1170 páginas, e cinquenta e três autoras, oriundas de diferentes regiões do país. O terceiro surgiu em 2009 e também trouxe novidades para os pesquisadores da temática: cinquenta

CAPA | MULHERES NA LITERATURA

e seis escritoras, distribuídas em mais de mil e cem páginas, a maioria pouquíssimo conhecida do público leitor. E através das informações biobibliográficas, e da reprodução de páginas significativas de obras, é possível verificar como existiram tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem praticamente ausentes da história literária nacional. Pesquisas como estas realizam ainda o questionamento da cultura hegemônica, estabelecem uma nova tradição literária, revelam a mulher como sujeito do discurso literário. Enfim, contribuem para a construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país.

Há de tudo nas páginas destas antologias: desde escritoras que nunca foram mencionadas nas histórias literárias, até outras que, apesar da calorosa recepção de ilustres leitores de seu tempo, como Machado de Assis e Olavo Bilac, também desapareceram excluídas do cânone por uma historiografia e uma crítica de perspectiva masculina, que sistematicamente eliminou as mulheres do cenário das letras. Através de suas obras — romances, poemas, diários, contos, dramas, comédias, ensaios e crítica literária — as escritoras expressam suas emoções, sua visão de mundo, além de lúcidas reflexões sobre educação, condição da mulher na sociedade patriarcal, direito ao voto, participação na vida social, etc. etc..

Para ilustrar, cito algumas autoras que renasceram através destas páginas. Alguns nomes já são familiares, de tanto que os encontramos em congressos, monografias, dissertações e teses. É o caso de Nísia Floresta (1810-1885), do Rio Grande do Norte, autora de uma obra significativa escrita em português, francês e italiano. Através de seus livros, Nísia Floresta participou ativamente

do debate em torno de temas polêmicos, como os direitos das mulheres, dos escravos e dos índios. Na pesquisa que empreendi em torno da escritora, cujo acervo encontrava-se praticamente desaparecido, foi preciso percorrer os caminhos de sua vida pelo país — do Nordeste ao Sul — e no exterior — em Portugal, na França e na Itália —, buscando seus escritos e sua presença na história literária e social de cada lugar. Mas não foi fácil. Suas marcas, na maioria, estavam apagadas pelo tempo e alguns de seus traços definitivamente perdidos. Afinal, muitos anos se passaram sem que fosse sequer lembrada. A aura de mistério, mais o preconceito que a envolveu, contribuiu para mantê-la mais distante e desconhecida para nós.

Outra escritora que também demandou intensa investigação foi Emília Freitas (1855-1908), a poetisa e romancista cearense, abolicionista, autora do romance fantástico (literalmente) *A rainha do ignoto*. Ou, ainda, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), a escritora mulata nascida no Maranhão, que em 1859 publicava *Úrsula*, hoje considerado o primeiro romance abolicionista de nosso país. Foram também resgatadas as baianas Adélia Fonseca (1827-1920), poetisa muito elogiada por Machado de Assis e Gonçalves Dias, por seus sonetos bem construídos, que dialogam amorosamente com Camões; e Ildefonsa César (1794-?), que ousou imprimir em sua poesia a paixão e o erotismo, para espanto da sociedade contemporânea. Ou Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), a irmã dedicada de Castro Alves, que nos legou poemas amorosos, de um lirismo sensível e erudito; ou ainda Violante de Bivar Velasco (1817-1875), poliglota, que traduziu peças teatrais do francês, italiano e inglês, e, como jornalista, colocou sua pena a serviço da emancipação



feminina. Outra baiana destacada foi, sem dúvida, Inês Sabino (1835-1911), que, além de poemas, romances e crônicas, publicou *Mulheres ilustres do Brasil* (1899), livro pioneiro no resgate de mulheres que tiveram atuação significativa na sociedade brasileira.

O primeiro volume da citada antologia contém ainda uma escritora anônima, assim mesmo: “anônima”, porque, apesar das muitas investidas neste sentido, não foi possível ainda identificar a autoria de uma interessante obra intitulada *As mulheres: um protesto por uma mãe*, publicada em Salvador, em 1887. Este livro revela aspectos fundamentais da vida concreta das mulheres, como o diminuto mercado de trabalho a elas reservado, a absurda diferença salarial entre homens e mulheres, a valorização das funções reservadas aos homens, o rebaixamento da mulher, entre vários outros. O que mais surpreende, quando lemos o texto da “escritora anônima”, é a erudição que transparece em sua argumentação, e as inúmeras referências que faz, com extrema propriedade, a escritores, filósofos, sociólogos, quase todos europeus e contemporâneos.

Nara Araújo, conhecida ensaísta cubana, fez o seguinte registro na apresentação do primeiro volume:

“[a obra] não se limita à acumulação cronológica e numérica de textos de 52 autoras, olvidados ou mal lidos, mas chega à etapa superior, a da multiplicação e frutificação, na qual o documento perde a pátina, se livra da poeira e se vivifica ao ser situado e contextualizado. A obra pertence igualmente à tendência de uma crítica feminista interessada no estabelecimento de uma tradição literária escrita por mulheres: uma literatura própria. Porém vai mais além desse propósito, pois, ao mesmo tempo em que contribui para a história da escritura feminina no Brasil, participa da (re) escri-

tura de sua história cultural.”

A constituição de novos arquivos — novas memórias — se configurou então em uma experiência ímpar: iniciávamos a busca sem saber o que seria encontrado; e para interpretar obras desconhecidas e reconstruir histórias de vida, impôs-se o desafio de realizar leituras com múltipla perspectiva — que envolvessem gênero, história das mentalidades e história cultural; que dessem conta de alterar marcos do sistema literário; e ainda fornecessem novos instrumentos de análise. E logo estávamos todas dominadas pelo “mal de arquivo” (“en mal d’archive”, expressão também cunhada por Derrida), ou seja, dedicadas apaixonadamente a restaurar o arquivo justo onde ele escapa, justo onde algo se anarquiva, ou seja, intuir o que não se inclui na listagem, a ausência da memória. E cada vez mais isso se tornou evidente para nós: para cada escritora encontrada, outras, muitas outras sucumbiam no silêncio.

A censura e a repressão trabalhavam juntas para destruir o arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido, já havia dito Derrida. Pulsões de morte jogam o arquivo na amnésia, na aniquilação da memória, na erradicação da verdade. Não foram poucos os poemas de Auta de Souza que seus irmãos alteraram, antes de enviá-los para a publicação. Também não foram poucas as obras de escritoras queimadas e destruídas por filhos e maridos ciumentos de seus talentos.

São muitos os exemplos. Sobre a pernambucana Rita Joana de Sousa (1696-1718), Eliane Vasconcellos, levantou uma extensa bibliografia de vinte e um títulos, mas não logrou obter um dado sequer sobre a sua vida. No caso de Maria Josefa Barreto, que nasceu em 1786, ocorreu diferente: ela é citada em inúmeros artigos e verbetes de dicionários biobibliográficos, como respeitada

poetisa, mas só foi possível, até hoje, localizar um único poema de sua autoria.

Tais reflexões se impõem quando realizamos pesquisas como estas: a primeira ‘escavação’ demanda outra, e mais outra, e muitas outras, e nada pode ser desprezado. Segundo Compagnon, qualquer documento — uma simples carta, uma pequena nota — pode ser tão importante quanto um poema ou um romance, “quando se busca a apreensão do ato de consciência que representa a escritura como expressão de um querer-dizer”.

Bem diverso é o caso de Henriqueta Lisboa, sabemos, que ao longo da vida organizou a própria memória. Nesse caso, outros são os problemas que se colocam. Ainda que não imaginassem que seu arquivo se tornaria um dia objeto de análise, o fato de ter conservado e catalogado seu espólio intelectual, ou seja, selecionado documentos que julgou merecedores de futuramente serem divulgados, a escritora de certa forma manipulou (ou maquiou) a imagem que queria preservar. E sua memória será uma memória construída a priori. Quantas cartas não terá rasgado? quantas críticas ignorou, por não terem elogiado sua obra? A escritora assim arquivada apresenta ao pesquisador outros desafios: o de ler nas entrelinhas do arquivo, e detectar não apenas o que aí consta, mas também o que falta, e deveria estar. Ainda citando Derrida, “*O arquivo sempre foi um penhor e como todo o penhor, um penhor de futuro*”. E é por investir nesse futuro, de forma consciente ou não, que o escritor se arquivava.

Enfim, poderia ainda levantar outras questões para falar de pesquisa, de acervo e de arquivos de mulheres. E muitas, aliás, serviriam também para os escritores. Mas fico por aqui, reiterando a importância destas antologias não apenas como resgate, mas como constituição de um novo arquivo. ■

MUGIDO DE TREM

Ilustrações:
Fabiano Vianna

“Se eu morrer, estás perdoado. Se eu me recuperar, então veremos.”

PROVÉRBIO ESPANHOL

(1)

— Mãe morreu, de uma fisgada só, e o que restou foi um pai morto.

Um pai morto, olhos embaçados em meio às cortinas das olheiras. Banha estufada, o fogo selvagem a arder-lhe o corpo embebido em álcool, atormentado, passado ou presente, quebradiço, sem descobertas para os filhos. Cem galos e galinhas índios a ciscar terrenos remelentos de água. Sob a sombra espalhada pelas mangueiras e chapéus-de-couro, o tempo escorrido, as histórias recentes ou desgastadas, saudades mal costuradas a escapar vez ou outra como roupa com cheiro de baú, naftalina, olhos e alma molhados.

Dez filhos, oito vidas, cicatrizes nas mãos grossas e unhas em luto da terra. Uma morreu tão cedo, mal de doçura, disseram, o corpo tremia, a boca quase roxa, seca. Ana Maria.

— O outro morreu mais velho, homem feito, o primeiro filho da minha mãe e do meu pai. Eu, Modesto, vinha logo depois dele; eu era o segundo dos homens.

Segredos ou tristezas em tormentas guardadas na cristaleira antiga herdada da mãe, pura madeira de lei, espelhos trincados e vazia de cristais. Quase vazia de tudo, de pratos, de copos, de canecas. Uma cristaleira vazia no canto da sala, indiferente aos outros móveis, comidos por cupins. Um

móvel nobre, o sonho ancorado em meio ao comum. Pedacos de gelo virando mar bravo, cavalos líquidos empinados no musgo do barco amarelo e vermelho descorados.

Os pés largados sempre na merda de porco, o tempo lavando de leve o telhado pelado, sem forro, ninhos de passarinhos caídos sobre os lençóis, aranhas passeando pelas paredes, assustadas com as lagartixas. Um desprezo raivoso pelas botinas limpas ou roupas limpas. Raízes, feito nervos escapados em vários lugares da carne do terreiro, a manhã, a timidez do sol, a timidez das gentes. Depois o sol cresce, bola de fogo, amarela, vermelha. Suam as camisas de brim, embaixo dos sovacos ficam rodela branca. Secas.

(2)

A manhã arfava sobre as ruelas magriças, aqui e ali mais calorentas, a torre indiferente da igreja e seus sinos silentes, botecos ainda de bafos ardidos cheirando à ressaca, o lenga-lenga de carroças e os olhos parados de um cachorro à beira do açougue. Olhos parados nas linguças penduradas. Ossos descarnados jogados às moscas atrás do balcão. O caminho lerdo pelo som do silêncio, leite entregue em litros de pinga, quem diria João que as delícias de uma cidade grande o seduziriam a ponto de apagar, em choques na cabeça, esta vida passando devagar nas janelas e pelas paredes tingidas de visgo da terra?

O sopro da manhã na areia roxa pouco o incomodava, mesmo que tinguisse a camisa puída nas mangas e na

gola. Os telhados, os sons, as buzinas e a eletricidade da outra cidade, a imaginada, com milhões de toneladas de concreto, penetram seus passos a caminho único, manchas brancas derretendo-se no céu azulado (parecem uma vaca chifruda ou um pedaço de galho enfiado na terra. Ou o rosto do demônio, boca arreganhada?). Parecem manchas, são manchas carregadas pelo vento preguiçoso. A porta metálica da farmácia o aguarda. Barulhenta, guincho birrento, a graxa seca nas beiradas, chama a atenção de todos. Lá dentro, as centenas de caixinhas, porções, pílulas, xaropes, óleo de bacalhau, óleo de rícino, pomadas, esparadrapos, purgante, álcool, arnica, agulhas, ampolas, algodão, uma cruz, triste, quieta, esquecida em parede destoante, meio ensebada, a chama da vela quase morta pingando rotas orações.

Quem diria que, ao abrir este mundo quase antisséptico, o estômago sentiria embrulhos, sentimento de repulsa a vazar arrotos? Seria aquela parede meio ensebada entrando pelo nariz? Um emprego seguro, rotineiro, ancorado na cidadezinha não lhe basta, João? A vida passa devagar e os sonhos viram fumaça entre os dedos. Não basta.

Já bastam meus irmãos mais velhos, um na terra, debaixo, e dois fincados, que se negam a sair do lugar. Carregam a crosta nas costas. Parecem caramujos. Parecem destinos traçados, linhas cruzadas. O barulho do trem trinca o pensamento.

João atravessa a rua, dá com a mão para o compadre. Pense bem, João. Não pense bobageiras, João.



(3)

— Claro, estou muito bem. Os alunos não perturbam minha paz, apesar dos berros antes e depois das aulas da manhã e da tarde, parecendo um enxame. E os pais, de vez em quando, com a conversa mole de querer amolecer o coração de professora. Enchem,

sim, um pouco, mas não é muito. Claro, perturbam muito menos o professor Oliveira, nosso diretor, e dona Carola, a inspetora, sempre de guarda-pó branco, feito enfermeira a cuidar de sua própria doença. O salário, pouco, dá pra ir levando sim. Estou acostumada. Não passo seis meses sem comprar tecidos e um ano sem sapatos novos, tudo da loja do

Yamauchi. À prestação, mas pago, tim-tim por tim-tim, todo mês. Os moços ficam de olho, no passeio (dizem que em inglês é footing, alguns falam vamos pro “futi”) da pracinha da igreja, quando a gente roda sempre no mesmo rumo e faz de conta que não vê as piscadas e as besteiras que eles falam. Minha finada mãe dizia que o meu pai fazia o mesmo.

Só que naquele tempo ele tinha vergonha de falar besteira. Só mexia com as moças, com todo respeito.

Este tempo ficou.

— O pai não tem vontade nem de lembrar o que ficou pra trás, o que se arrastou, quanto mais confirmar se era verdade o que a mãe contava.

Ele engole palavras no peito duro.

ROMANCE | NILSON MONTEIRO

Dançava tango em cima de uma mesa de boteco. Bebia vinho, se entupia de muito vinho, misturava com cachaça, parecia groselha. Cantava, arrebitava os olhos sobre as mulheres e bailava com elas até o dia desmaiar e a noite tingir o fundo do horizonte ou o dia nascer de dentro da saia da noite. Dizem que sua voz era mais forte, mais forte até do que o barulho que ele tirava do berrante, cercando boi no pasto, empurrando os animais, contando chifres e fazendo entrar no mangueirão. Sabia se faltava algum boi, adivinhava quando morria um deles, de sede, de bicheira, de raio nas cercas de arame farpado ou de raio embaixo de árvore solitária. Parece que sentia pelo cheiro quando roubavam alguma vaca, macho reprodutor ou bezerro. Se encontrasse o ladrão, era ferro, faca ou bala, não tinha conversa. Passava remédio nas bicheiras, esfregando o couro, como quem curava a alma dos bois, os olhos grudados nos tremidos da carne dos animais. Arrancava berne na unha. Gemia de alívio junto com o boi.

Cantava nas madrugadas, cantava de manhã, cantava de tarde, cantava de noite, misturava a voz com a tinta do vinho, que manchava os copos e os dentes, quase nenhum, amarelados e pretos, manchados de cigarro, a boca quase murcha, vincada. Um homem forte, branquelo, a testa alva, cabelos esparramados pelas sobrançelas e, em tufos, vazando das orelhas. Sempre de camisa de mangas compridas e com o primeiro botão estrangulando o pescoço. O que lhe sobrava para fora das roupas era queimado pelo sol, fendas fundas rodeando os olhos, a boca, o bigode geados.

Quando se entupia de vinho e de cachaça, borracho, suspirava o banzo de castanholas, guardadas com zelo



em algum esconderijo da memória, amadas como o terreno mágico das arenas, borradas de sangue e espadas. Olé, gritava, olé, e mugia quase como um touro da Extremadura, ferido, sangue pelas costas, panos rubros, espetos, bandeirolas, um toureiro e um touro, risos e gemidos, na arena de Madrid. Ou de Cáceres. Um touro ferido no peito. Olé, gritava ao elogiar as esporas cruéis e sangrentas de seus galos com as cristas eriçadas. Olé, gritava, desde o mais fundo dele, ao cortar os bagos de um cavalo, furar o coração de

um porco, abrir as carnes de uma vaca, imolando, esporas tingidas de sangue como os lábios tingidos de vinho, canivete afiado feito língua de lavadeira.

— Ninguém enfrentava o trabalho de frente como o pai.

Descendente de mouro, vindo de onde vieram os mouros, mouro como os outros mouros, espanhol com os outros espanhóis que fugiram de desventuras de sua terra sem mar, empedrada, e vieram bater os costados nesta terra vermelha, visguenta, poeira cobrindo e descobrindo o passado.

Quando chegou, lembram, tinha os olhos, miúdos, atizados na fogueira do futuro, gravetos nas mãos da mãe, a avó, que veio, muito velha, da mesma terra, de morros duros e chão rachado, seco. Do mesmo chão onde as bellotas se espalhavam ao redor das árvores e eram comidas, com fome e prazer, pelos cerdos, porcos às vezes cruzados com javalis para manter a raça e curar a fome dos sitiados. As carnes das patas negras, comidas como presunto cru, o faziam sonhar com o sítio onde fora criado.

— A mãe, não. A mãe era o contrário.

A mãe era de terra fértil, onde as oliveiras espalhavam-se, cabelos verdes ao vento, azeitonas graúdas despencando de seus braços carnudos. Ciumentas, as videiras brotavam cachos roxos, bagos grandes que manchavam a boca, os colos, as roupas. As bocas brotavam sedutoras, vermelhas ou roxas. Na terra de fartura, as mulheres apanhavam uvas, azeitonas, colhiam trigo, cozinhavam, costuravam, rezavam ladainhas, os rostos cobertos por véus negros, rezando em igrejas de pedra, rezando com os peitos e as banhas em cima das tinas, rezando batendo roupas nas pedras dos riachos.

— A vida é dura, Pureza, mas já foi muito pior, recitava minha mãe, todo santo dia. Pior foi seu irmão, o José, que morreu de patada de mula depois de revirar a terra seca, esperar a chuva para molhar o chão e depois semear amendoim. Precisa ver como ficou a barrigada dele, toda estropiada, contava a mãe, porque eu não vi, era muito criança e os mais velhos não deixavam a gente ficar perto de doente ou xeretando conversa de adulto. Foi uma choradeira só, a reza, o corpo presente, terno preto, lábios costurados, a testa branca, cor de gelo. As mãos, brancas, feitas de cera gelada. As tias, os tios, primos, a mulher dele, as filhas, todo mundo ali, sufocado na sala, o caixão no meio, cheirando à rosa e jasmim.

Cheiro de rosa e bem-me-quer misturado com o lume das velas derretidas em fogo lerdo. Fungando lágrimas, as comadres matraqueavam o que era bom para limpar o corpo, arrependimento, pedidos de perdão divino, e

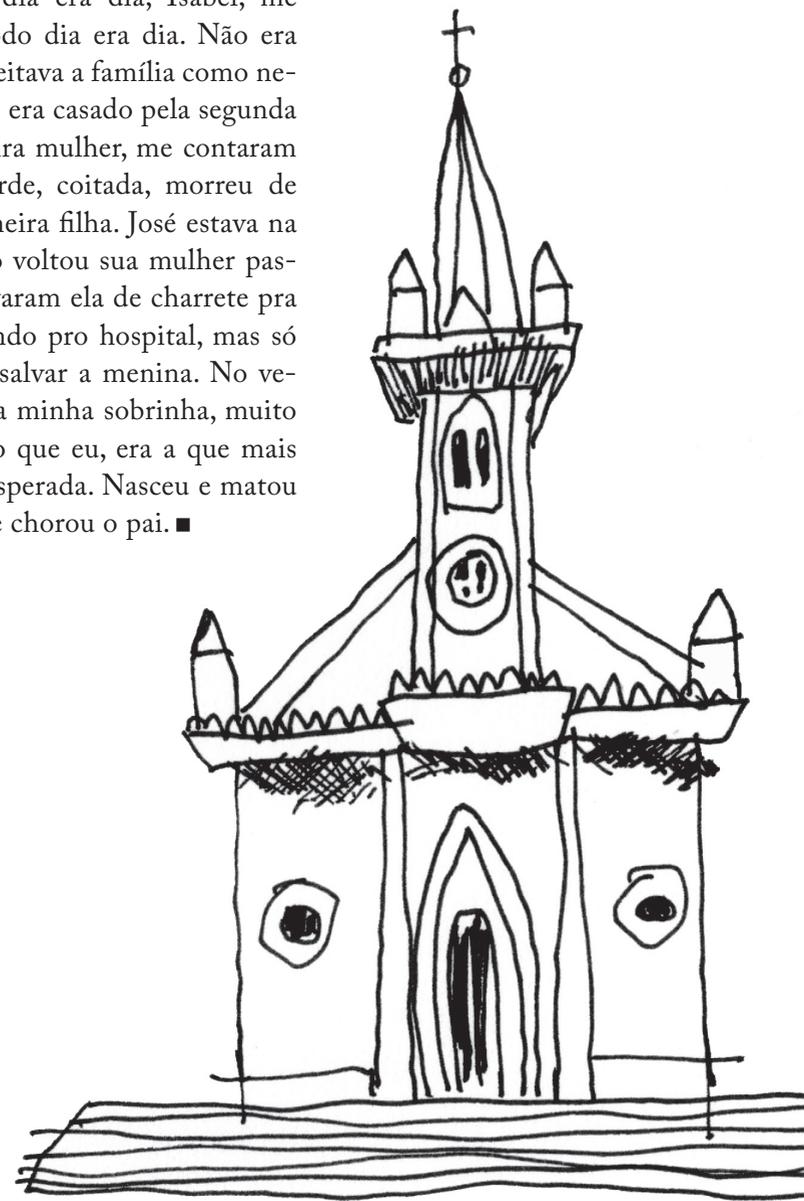
o espírito subir limpo para o céu. De vez em quando, os homens saiam pro fundo da casa, enrolavam-se na fumaça ardida dos cigarros, estalavam a língua na cachaça, bebiam o morto e riam de piadas velhas. As histórias quase decoradas em todos, indo e vindo, feito mar batendo nas mesmas pedras. Depois, voltavam, fechavam a cara e abraçavam, despejando pêsames sobre o pai, a mãe e as crianças. As crianças lambuzavam os beijos e o estômago de tubaina e sodinha.

— Da Ana Maria, a mãe lembrava de vez em quando. Sempre quando estava meio amuada, quieta demais. Ao redor de seu vestido, primeiro escutávamos palavras mudas, os lábios em reza, o terço nas mãos, os olhos fechados. Depois, de repente, os olhos ganhavam brilho, grudados no céu. Dizia que via Ana Maria brilhando entre as estrelas. Um brilho feliz, o mesmo dos olhos da mãe. Eram palavras doces para lembrar sua filha que morreu doce.



(4)

— Era o primeiro filho. Eu não vi, mas contam até hoje que ele derrubava um bezerro com um soco na cabeça; trabalhava na roça até o sol sumir e não tinha sábado, domingo, nem feriado, não respeitava dia para o trabalho. Todo dia era dia, Isabel, me contavam. Todo dia era dia. Não era pinguço, respeitava a família como nenhum outro e era casado pela segunda vez. A primeira mulher, me contaram bem mais tarde, coitada, morreu de parto da primeira filha. José estava na lida e quando voltou sua mulher passava mal. Levaram ela de charrete pra cidade, correndo pro hospital, mas só conseguiram salvar a menina. No velório do pai, a minha sobrinha, muito mais velha do que eu, era a que mais chorava, desesperada. Nasceu e matou a mãe, viveu e chorou o pai. ■



 **Nilson Monteiro** é jornalista e escritor. Autor de, entre outros livros, *Pequena casa de jornal*. Vive em Curitiba (PR).

CONTO | CLARAH AVERBUCK

Progressões de balcão

No bar:

- Tá esperando alguém?
- Não.
- Tá sozinha?
- Tô.
- Aceita companhia?
- Tô sozinha porque quero.
- Mas e vem pro bar ficar sozinha?
- Saí porque queria ficar sozinha.
- É casada?
- Não.
- Namorado?
- Não.
- Mora com alguém?
- Com os gatos.
- Por que precisou sair pra ficar sozinha, então?
- Porque eu quis, moço.

Silêncio.

- O que você faz?
- Sou escritora.
- Ah, é? E escreve o quê?
- Livros.
- De que tipo?
- Livros de histórias.
- Que tipo de histórias? Contos, romances?
- Os dois.
- E de onde você tira as suas ideias?
- Das ruas. Da vida. Sei lá, as ideias vem.
- E o que mais?
- Como, o que mais?
- O que mais você faz? Você vive de escrever?
- Vivo de escrever várias coisas.
- E dá dinheiro?
- Não acho essa pergunta muito polida, moço.
- Relaxa, baby.
- Não me chama de baby.
- Estou começando a entender por que você é sozinha...
- Eu sou sozinha porque quero.
- Duvido. Ainda mais tratando as pessoas assim, seca desse jeito.
- Estou apenas respondendo as suas perguntas.
- Mulher tem que ser simpática.
- Mulher, meu querido, tem que ser como quiser.
- Assim você não vai conseguir homem.

Suspiro

- Amigo, você está bem equivocado nessa vida, hein?
- Tô apenas tentando ajudar.
- Olha só, eu disse que saí pra ficar sozinha e você está aqui tagarelando nos meus ouvidos. Está me ajudando em que, exatamente?
- Sei lá, tô tentando melhorar essa sua cara.
- Eu estou ótima.
- Mas não parece, bebendo, sozinha aí.
- Ninguém nunca te ensinou que não se julga um livro pela capa? Eu estou ótima, moço.
- Duvido, sozinha no balcão...
- Eu não estou sozinha. Eu estava sozinha, estava sozinha porque queria. Agora você está aqui falando comigo.
- Posso te pagar um drink?
- Não.
- Por quê?
- Porque eu tenho dinheiro pra pagar meus drinks.
- Você é o que, feminista, é?
- Sou.
- Ih, sabia. Feminista não gosta de homem.
- Feminista não gosta de gente que invade espaços e caga regras, moço.
- Moço, você é chato, será que eu poderia continuar em silêncio curtindo minha cerveja com 10% de álcool sem você estragar o momento?
- Aff, fica à vontade, ô mal comida.
- Moço... Sai daqui?
- Logo vi que era assim, sentada aqui [com essa cara. Também, gorda] desse jeito, ninguém deve querer.
- Moço, não me obrigue a desperdiçar minha cerveja [cara na sua fuça.]
- Puta.
- Tchau, moço.

Paz, enfim. ■

Ilustração: Iuri de Sá

 **Clara Averbuck** é escritora. Está relançando todos os seus livros pela editora 7Letras, entre eles *Máquina de pinball* e *Vida de gato*. Também prepara a coletânea de contos *Cidade grande no escuro* e o romance *Eu quero ser eu*. Vive em São Paulo (SP).



RETRATO DE UM ARTISTA | VIRGINIA WOOLF

VIRGINIA WOOLF

Por Léo Gibran

Virginia Woolf nasceu em Londres, Inglaterra, em 1882. De uma família de classe média alta, não foi à escola como os irmãos e teve aulas em casa, ministradas pelos pais. Com acesso livre à biblioteca da família, cresceu cercada por livros e intelectuais como Henry James, que visitavam sua casa. Ainda criança decidiu ser escritora. Autora de contos, ensaios e romances, suas obras mais conhecidas são os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *As ondas* (1931) e o ensaio *Um teto todo seu* (1929). Participou do Bloomsbury, grupo de artistas, intelectuais e pensadores que reuniam-se na sua casa, em Gordon Square. Casada com Leonard Woolf, juntos fundaram a editora Hogarth Press, que além de publicar seus próprios livros, também editou obras de autores fundamentais como T. S. Eliot, Katherine Mansfield e Sigmund Freud. Teve uma vida conturbada e sofria de colapsos nervosos. Woolf se suicidou em 1941.





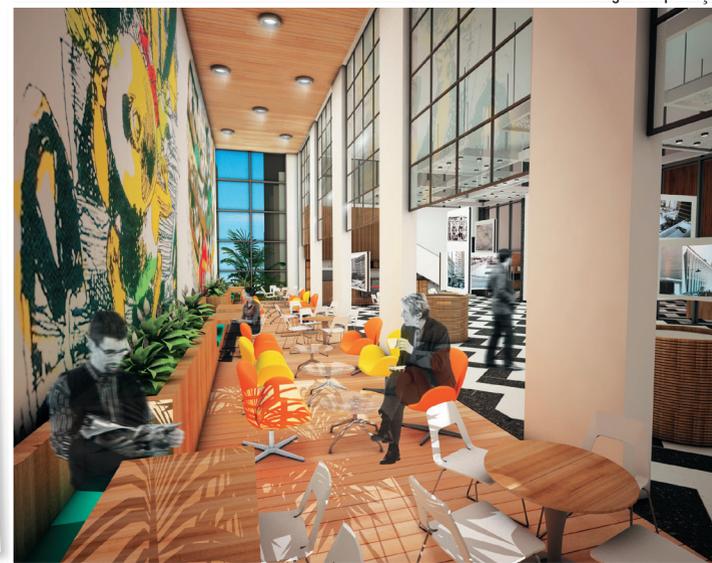
BPP de cara nova

Entre as mudanças, estão a troca de todo mobiliário e a implantação de um café no hall térreo do prédio

Responsável por projetos de outras importantes bibliotecas de Curitiba, o arquiteto Manoel Coelho está à frente da reformulação do prédio da Biblioteca Pública do Paraná. Entre as mudanças propostas, destaca-se o fechamento das laterais do prédio e a troca de todo o mobiliário das salas. Com o novo projeto, outra importante mudança se dará no hall térreo da Biblioteca, que abrigará um café e um espaço exclusivo para exposições e lançamentos de livros. Além disso, o mobiliário das salas será trocado por peças modernas, com poltronas e pufes à disposição em todos os ambientes do prédio — o que vai proporcionar mais conforto ao público. A seção infantil, que já passou por uma reformulação, também terá novos equipamentos. O custo total da obra será de R\$ 7,5 milhões.

“Não haverá interferência na estrutura do prédio, feito pelo engenheiro Romeu Paulo da Costa, e que é um exemplo maravilhoso do Modernismo. No entanto, alguns espaços bastante amplos estão subvalorizados. O projeto visa também fazer um rearranjo das salas, e viabilizar acessibilidade”, explica Coelho.

O secretário de Estado da Cultura do Paraná (Secc), Paulino Viapiana, afirma que a Biblioteca Pública vem cumprindo a missão de difusão do conhecimento, por meio de diversas ações e projetos. “No entanto, chegou o mo-



Projeto da nova BPP realizado pelo arquiteto Manoel Coelho.

mento de modernizar e atualizar tecnologicamente o prédio, o que ajudará ainda mais na promoção do conhecimento.”

Rogério Pereira, diretor da BPP, lembra que o projeto é mais um passo para que a Biblioteca Pública do Paraná entre em sintonia com o seu tempo. “Neste ano de 2012, já fizemos a reforma das redes lógica e elétrica do prédio, que possibilitou a implementação da rede wireless. O projeto apresentado pelo arqui-

teto Manoel Coelho vai possibilitar que a Biblioteca seja um espaço de convivência, que dará mais conforto a todos os nossos usuários, sejam os que buscam o grande acervo ou aqueles que participam de nossas atividades culturais”, afirmou Pereira.

Inaugurado em 19 de dezembro de 1954, o atual prédio da rua Cândido Lopes foi a primeira obra a ficar pronta a tempo das comemorações do Centenário da Emancipação Política do Pa-

raná. Em 18 de dezembro de 2003, o prédio foi tombado como patrimônio cultural. “Para mim, foi muito gratificante realizar este projeto porque fui um frequentador assíduo da Biblioteca Pública do Paraná. Cheguei em Curitiba em 1960. Entrei na primeira turma de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná, em 1962. Estou muito orgulhoso de participar dessa revitalização”, diz o arquiteto Manoel Coelho. ■

Imagens: reprodução